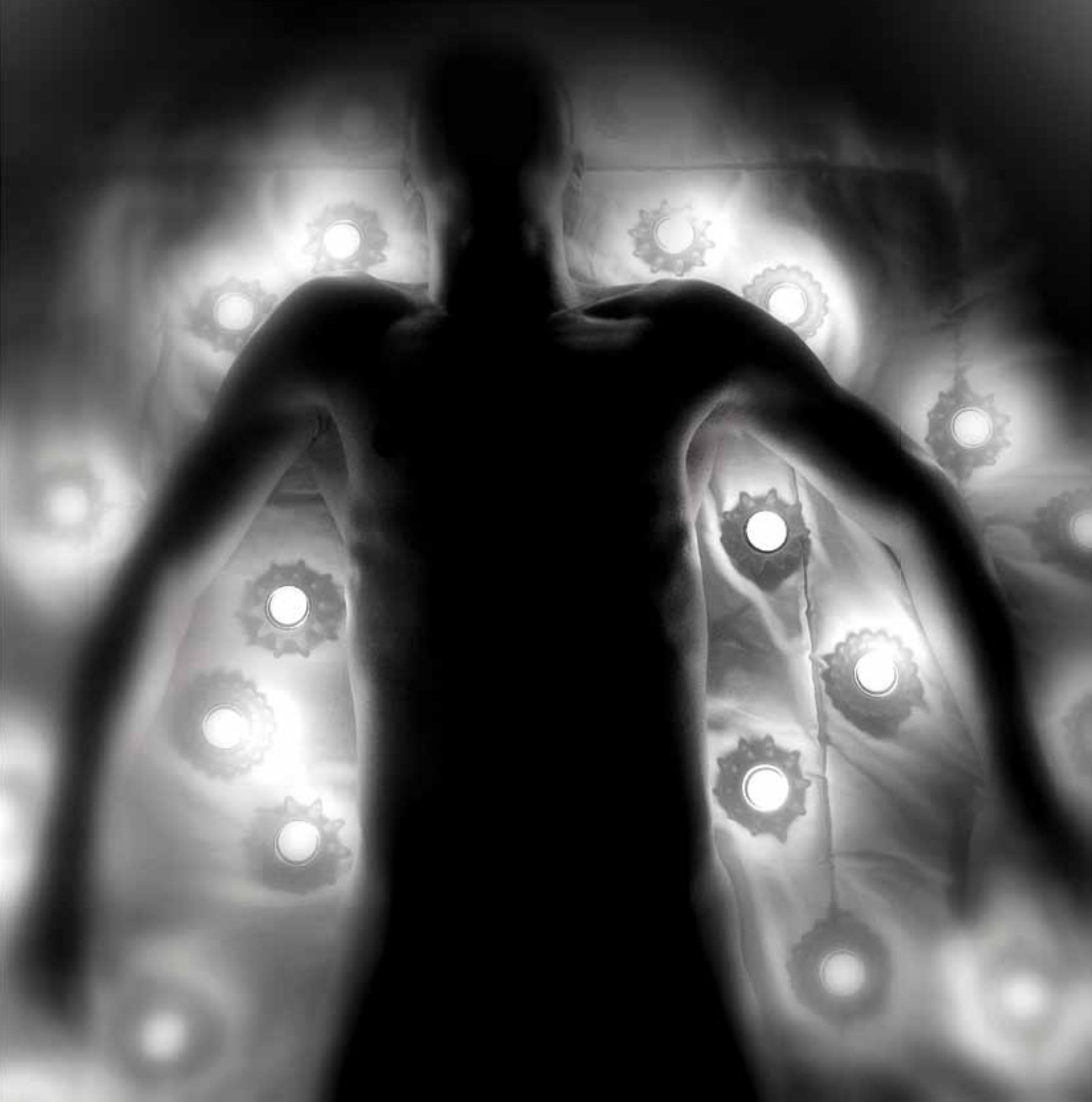


Orgão Oficial de Expressão
da Associação Portuguesa de Satanismo

Infernus

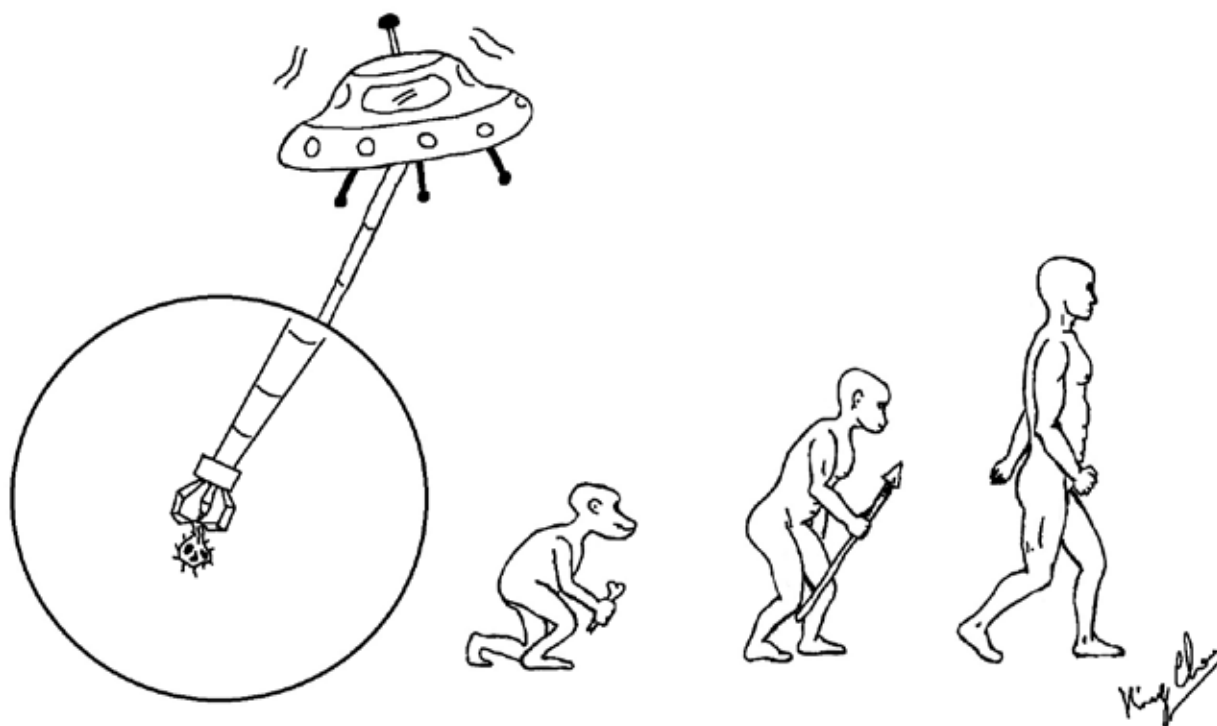
Nº XXII IX/IX Era APS





Cartoon-h-ell

King Chaos



Ficha Técnica

Infernus nº XXII

Editor: Lurker

Produção: Fósforo, Colectivo Criativo

Equipa Editorial: Black Lotus, BM Resende, King Chaos, Metzli, Mosath, Outubro

Colaboradores: Aires Ferreira, Devis, Flávio Gonçalves, José Macedo Silva, Naive, Paulo César, Vitor Vieira

Revisão: Metzli

Créditos das Imagens:

- Pág.1, 22, 23: Paulo César - www.paulocesar.eu

- Pág.3: Daniel - lightgrapher.deviantart.com

- Pág.4: Hermin Abramovitch - ahermin.deviantart.com

- Pág.6: Malgorzata Skibinska - fossil-cloud.deviantart.com

- Pág.7: Iris - irisvoronoi.deviantart.com

- Pág.8: Louis - 2createmedia.deviantart.com

- Pág.10: Michal Karcz - karezoid.deviantart.com

- Pág.15: Tina M. - fallen-angel-24.deviantart.com

- Pág.16: Matthew Scherfenberg - mferberg.deviantart.com

- Pág.17: Sinan Arslan - ssconi.deviantart.com

- Pág.18, 19: IkioPlague - ikioplague.deviantart.com

- Pág.21: Mitchell Nolte - buechnerstod.deviantart.com

- Pág.24, 25: Luís Aparício

- Pág.27: Thornten - thornten.deviantart.com

- Pág.28, 29: Talia - dream2themusic.deviantart.com

- Pág.30: Iikka Koistinen - pingimonsteri.deviantart.com

- Pág.32: Alexander Lataille - fatherofgod.deviantart.com

- Pág.33: Shepelin Alekcei - barnaulsky-zeeek.deviantart.com

- Pág.34: Karanua - karanua.deviantart.com

- Pág.35: Pittypetty - pittypetty.deviantart.com

- Pág.36: Ox4 - ox4.deviantart.com

- Pág.37: Tee Dot - tdot77.deviantart.com

- Pág.39: Michelle - micheemee.deviantart.com

- Pág.40: Ragingcephalopod - ragingcephalopod.deviantart.com

- Pág.41: Gabby Z. - azenor.deviantart.com

- Pág.42: Adam Burn - phoenix-06.deviantart.com

- Pág.43: Robin de Blanche - ladyrapid.deviantart.com

- Pág.44: Alyssa Hedrick - prelandra.deviantart.com

- Pág.45: Belladonna-X - belladonna-x.deviantart.com

- Pág.46: Marina Ćorić - marinafoto.deviantart.com

- Pág.47: Hiimlucifer - hiimlucifer.deviantart.com



Editorial

Lurker

Eis-nos chegados à edição nº 22 da revista Infernus. Cerca de cinco anos e meio de edições regulares, largas centenas de páginas escritas em Português sobre o Satanismo usando as mais diferentes perspectivas para o enquadrar. E é esse pormenor que me parece digno de nota – o recusar os lugares comuns para abordar a temática do Satanismo com abordagens frescas e em muitos casos inovadoras. Uma semente que é colocada na mente de quem nos acompanha regularmente e que, se encontrar terreno fértil, crescerá forte e vigorosa e carregará frutos sumarentos e saborosos.

E novamente empurrados por essa centelha de desafiar os limites pré-estabelecidos, colocamos a pergunta: qual é a origem de vida no nosso planeta. Colocando imediatamente de parte as teorias fantasiosas de criações divinas, seremos apenas o fruto do acaso e da vontade primordial de viver, ou teremos sido também nós plantados neste fértil planeta como parte de uma qualquer experiência cósmica?

A teoria de que a vida na Terra tem como origem uma fonte alienígena é muito antiga e suportada quer por pensadores de renome quer por cientistas de elite nos seus campos, mas corresponderá à verdade? A probabilidade de existirmos sozinhos no Universo é virtualmente nula, mas terá sido por influência alienígena que ocupamos hoje o lugar de destaque na cadeia evolutiva do planeta? E se não for esse o caso, seremos visitados regularmente por viajantes longínquos, ou esse momento está ainda para vir no futuro?

Foram estas algumas das questões que colocamos ao nosso painel de colaboradores residentes, que mais uma vez nos brindam com material de eleição para nosso deleite literário. Reforçamos

a equipa com convidados de luxo, uns repetentes – e que não seja a última das aparições! – e outros que se estreiam – e que seja a primeira de muitas! –, mas todos eles a perscrutar o seu pensamento para nos trazerem reflexões que merecem a nossa devida atenção. Porque ninguém é detentor da verdade, mas todos somos detentores de opiniões válidas que gostamos de partilhar com os nossos pares.

Aproveitamos também para convidar para as nossas páginas o Luís Aparício, responsável da Associação de Pesquisa OVNI (APO), para nos falar um pouco sobre o tema. A conversa foi longa e profícua, e trazemo-vos nestas páginas o essencial do que foi discutido para que possam perceber qual é a luz que incide sobre o pensamento de uma das mais conhecidas organizações nacionais devotadas ao tema que nos centra a atenção nesta edição.

Mas o melhor mesmo será iniciar a desfolhar as páginas da revista, e deixar-vos levar pelo conteúdo de grande qualidade que ela encerra. A resposta não será aqui dada, certamente, mas poderão apreender novas perspectivas e novos pontos de vista sobre o assunto – e o que é a evolução senão isso?

Damos agora lugar ao Outono, ao início do triunfo da escuridão, e retiramo-nos para iniciar a preparação de mais uma edição da Infernus, com que daremos as boas-vindas ao Inverno. Mas isso será para outra altura, agora é momento de desfrutar do que vos trazemos e apreciar a leitura depois de uma caminhada pela floresta ou pelo parque, deixando que uma quente chávena de chá nos aqueça e elimine os restos de folhas mortas da nossa existência.

Até ao Solstício de Inverno.
Boas leituras! •

ÍNDICE

Deus não foi preciso -----	4
<i>Aires Ferreira</i>	
a divina embriaguez -----	8
<i>BM Resende</i>	
C. G. Jung -----	10
<i>Júlio Mendes Rodrigo</i>	
Homem: Deus ou Animal -----	15
<i>Metzli</i>	
Higher Being Comand -----	18
<i>Devis DeV deviLs g</i>	
Entrevista Luís Aparício -----	22
<i>Mosath & Lurker</i>	
A Causa Eficiente -----	28
<i>Aires Ferreira</i>	
Uma Estória das Estrelas -----	30
<i>Mosath</i>	
Belzebu e S. Francisco de Assis -----	36
<i>David</i>	
Título em Falta -----	37
<i>José Macedo Silva</i>	
Planeta Et3r -----	41
<i>Naive</i>	
Lilith - A Gafe do Criador -----	44
<i>Outubro</i>	



Deus não foi preciso

Aires Ferreira





Lês-me agora graças ao engenheiro humano, à nossa capacidade de criar. Porreiro, não?

Já não tão porreiro é o ignorar que toda uma geração aceita com a maior das facilidades uma postura de pouco interesse perante a questão “quem ou o que criou o ser humano”.

Mas ainda no mesmo campo vamos considerar que para existir raça humana, teremos que colocar uma questão maior: Abiogénese.

Não é assunto fácil e muito menos possuo conhecimento suficiente para resumir – de forma eficaz - tudo o que aprendi sobre o assunto. Afinal, e apesar de ser interessante, mais ainda do que o ser humano, preocupa-me a velha história do ovo e da galinha. A Teoria da Evolução não deixa de ser algo fascinante mas só ignorantes da pior espécie podem – de facto – acreditar que matéria inanimada numa poça de lama consegue criar a diversidade actual de matéria viva como a conhecemos.

Mas claro, da carneirada que vive para ver o seu clube de futebol triunfar ou para todas as que consideram verniz das unhas um complemento essencial à existência, já se esperaria que optem pelo que move a nossa actual sociedade “é assim, não questiones, está bem?”.

Mas raios vos partam! Pessoas letradas, médicos, engenheiros, seres pensantes acima de tudo.

Compreendo que à semelhança do aleijadinho Stephen Hawking (sim, há mais físicos – na minha opinião – bem mais revolucionários, mas este dá mais jeito para ficar na cabeça das pessoas como o mais inteligente do nosso tempo pelas razões óbvias) que defende em *The Grand Design* que Deus não foi preciso para a criação do universo (e claro, da raça humana) pela simples inevitabilidade de forças fundamentais como a gravidade, pois esta permite que o universo consiga e continue a criar-se a partir do nada.

Compreendo que se defenda ainda que ao existir vida extra-terrestre, existe possibilidade de esta nos aniquilar pelas simples leis da sobrevivência (ao acreditarmos na evolução da inteligência como no ser humano, está mais do que comprovado que o respeito pela energia vital de cada ser “inferior” é uma das nossas últimas prioridades quando o assunto são recursos ou sobrevivência). E conclui, falando ain-

da em formas de vida inteligente não percepcionáveis pelo cérebro humano, pois afinal, este tem muitos limites no que a percepção diz respeito.

Ora, concordo em particular com a última noção. Vazio? Infinito? Perfeição? Afinal, consegues pensar alguma coisa maior do que a qual nada se pode pensar? Estou perfeitamente certo que não.

Afinal, ao passear por uma mata e dando um pontapé numa pedra, poderiam muito bem pensar que essa pedra sempre esteve ali. No entanto, vendo um relógio, saberiam que não o poderia ser, pois é construído, elaborado, feito a partir de algo, por alguém. Que mais não são todos os elementos da Natureza do que magníficas construções de energia e química?

Afinal, a ciência moderna (que daqui a quinhentos anos estará tão certa como estava há quinhentos anos atrás, digo-vos eu) explica tudo, nada mais somos do que um bando de células e moléculas e átomos e matéria e ... o resto que ainda não sabemos.

É que a ciência vai-nos espetando cada vez mais fundo esse punhal de kryptonite na ideia de super-homem que esquecemo-nos de pensar como deve de ser. Ora façamos assim:

Cada coisa na natureza tem uma causa. Esta, por sua vez, tem outra e esta outra ainda, mas temos de parar em algum lado para que realmente encontremos a explicação da coisa de que partimos e também para que faça sentido falar de uma série de causas. Na verdade, se não houver uma causa primeira (Deus) não há segunda, terceira ou quarta.

Portanto, as religiões desse mundo fora, sustentam-se na crença da hipótese do átomo primordial, ou como lhe chamam agora, Big Bang?

Confesso que discordo de tal disparate por crer que o conhecimento deve ser geral antes de específico, pois só dessa forma conseguiremos conhecimento geral com capacidades específicas. Mas dá sempre mais jeito o “fácil”, o “fast-qualquer-coisa” ou o meu preferido “deixa que isso já foi resolvido, vai ser feliz”. Tem resultado tão bem, não?

Mas foi o conceito de “Causa Eficiente” que me atirou de cabeça para algo chamado “Geometria Divina”. É evidente que a Geometria poderá existir se os elementos sofrerem acções de forças regulares. Mas, ups, não é o caso. Mais; a identidade é a marca, a assinatura de qualquer criador. É o que faz a

distinção de todas as outras obras. No fundo, é como a Coca-Cola. O seu sabor irreproduzível é a sua identidade. Ora, se no universo temos elementos tão dispares como uma Galáxia e um girasol com o mesmo *design*, resta compreender a existência de inteligência (não do nosso tipo de inteligência) na Criação.

Senão pensemos no seguinte: Transformação de energia química em energia mecânica, de energia química em energia eléctrica e de energia química em energia luminosa (as que conhecemos por agora); não será isto um reconhecer de uma intervenção que não conseguiremos compreender?

“*Ai não que a física quântica já chega para resolver tudo*”. O problema é que a resposta aos grandes problemas de física quântica é um curioso símbolo: ∞ . E se o Infinito é possível na Matemática, não há qualquer espaço na física quântica, pois estes resultados (por agora) comprometem tudo. Então estamos onde começamos? Creio que não; citando um jovem esperto:

“*Eu não acredito num Deus pessoal e nunca o neguei, mas exprimi-o com clareza. Se há algo em mim a que se pode chamar religioso, então esse algo é a infinita admiração pela estrutura do mundo tanto quanto a nossa ciência o consegue revelar*”. Um deus não-pessoal, precisamente.

Bom, mas falava de Albert Einstein. E por falar no homem, que felizmente já não ardeu na fogueira por apresentar algo de tão diferente, algo de tão revolucionário e bem mais do que um tipo perceber a gravidade pela queda de uma maçã, o nosso amigo despenteado sugeriu ir para além do que vemos, ou como dizia o outro, dar um salto até à realidade inteligível. Platão foi radical para muitos, para mim, foi um gajo esperto. Tão esperto, que me mudou a vida com a Anamnese.

O que nos leva ao *Fédon*, escrito por um gordo chamado Sócrates, que ainda não se sabe bem se existiu realmente ou se era uma espécie de alter-ego do Platão. Este gordo foi-me objecto de ódio durante boa parte da vida. Em particular por achar que ele estaria a manipular algo tão sagrado como as palavras só para provar que era mais esperto. Aliás, achei-o da laia de qualquer gajo que ao perceber as leis do universo pega logo em doze apóstolos / irmãos / discípulos e se põe para aí a mudar, para pior, o mundo.

No entanto, custava-me compreender que uma mente de tal forma brilhante acreditasse (com aparente facilidade) que as almas eram imortais e



***“A Teoria da
Evolução não deixa
de ser algo fascinante
mas só ignorantes da
pior espécie podem –
de facto – acreditar
que matéria inani-
mada numa poça de
lama consegue criar a
diversidade actual de
matéria viva como a
conhecemos”***

vinham fazer um processo qualquer de purga, que quando completado e após viagem a um sítio cheio de fogo e afins, voltam à forma humana ou evoluem para subir para a prazerosa companhia dos deuses.

Ou pior ainda, que relembramos ao invés de aprender realmente, e que

qualquer pessoa não letrada consegue resolver problemas de Geometria. Dêem uma vista d’olhos ao vosso *Facebook* a ver se encontram muita gente com essa capacidade remanescente. Tu, inclusive.

Mas sobre o *Fédon* (e por agora, que o maldito livro ainda me atormenta) percebi que estava, ainda que com as palavras erradas, certo. E a culpa foi de um pássaro.

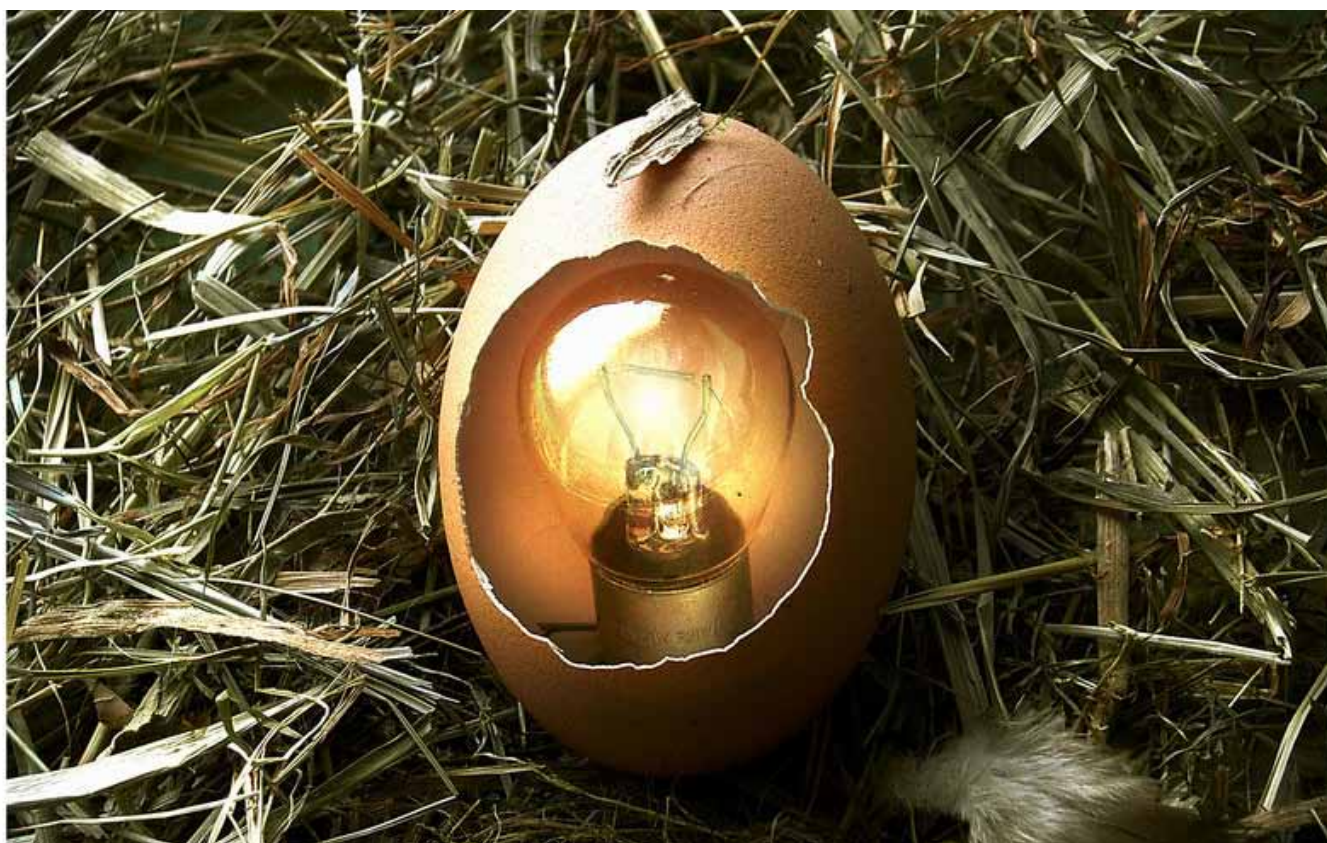
Moro no alto de uma caixa com um monte de gente que não conheço. Mas o telhado de tal edifício foi escolhido por uma família de pássaros como ninho. Um deles caiu e morreu, ali mesmo, na minha varanda por debaixo de um sol escaldante, era Maio deste ano. Pensei na morte e tapei-o com uma tigela de barro que estava por perto. E deixei que o grande arquitecto me mostrasse do que era capaz. Sabes o que estava hoje por debaixo da tijela? Nada. Absolutamente nada. Ou nada, menos 21 gramas, se preferires.

Aparentemente o passaroco desapareceu, mas tanto eu como tu, sabemos o que lhe aconteceu. Foi ao Hades, e neste momento está a encarnar num qualquer pirralho com problemas de brônquios. Isso, ou através das forças primordiais foi reintegrado no sistema, tendo as suas componentes reutilizadas para criar novos elementos. Obrigado Ciência, no material já está.

Já o mundo das ideias, está complicado. Afinal, consigo ter a ideia de Deus. Isso não o fará real no universo das ideias? E sendo ele a causa eficiente, estamos de facto a falar em algo perfeito. Agora vamos chamar-lhe deus? Até o podemos fazer, correndo de imediato o risco de alguém optar pela palavra “Satanista” ou de “Individualista” (ou neo-Humanista, ou o que lhe quiser chamar desde que distinga seres pensantes de putos de 16 anos a tentar chocar os pais). Mas a verdade é que existem provas em nosso redor de uma construção incomparavelmente superior a qualquer coisa que a raça humana, por agora e por muito tempo, consiga fazer.

“Então mas estás a dizer que a história da criação, do gajo que em sete dias, entre outras coisas, fez a luz e um casal num jardim?”

É evidente que não, mas pensemos em explicar o Big Bang e a criação a gente não muito esperta. Vamos mesmo explicar-lhe que o Universo é um organismo vivo que após o último grande Quasar se comprimiu até ao ponto de ruptura criando uma explosão que tem como momento final um novo Quasar? E explicar também que existem mais probabilidades de ganhar o Euromilhões duas ou três vezes num ano do que existir um planeta com a distância certa para a existência de água em estado líquido. E está longe de ser o único.





"Se existisse deus não haveria mal desnecessário!" O conceito de Mal é estúpido. E de forma nenhuma nega a existência de Deus. O Mal é dos homens, apenas. O Mal é somente a falta de inteligência, o ir para lá da moral desnecessária. A natureza faz o que tem de ser feito através de forças (que conseguimos ou não perceber) de modo a continuar o movimento (e creio, a repetição segundo uma ordem). Creio que essa mesma ordem pode ser entendida como o relógio. Sabemos que não está na mata porque existe apenas, sabemos no seu desenho que as leis servem um propósito de resistência, continuidade e em última análise, integração, reestruturação e saída de uma ou outra formas.

Devemos, de uma vez por todas, eliminar o conceito de deuses da equação. Esses eram somente mais meia dúzia de iluminados a tentar começar do zero num sítio novo, agradável e com recursos suficientes para sustentar uma nova raça de forma a continuar o processo de evolução. Os deuses que se contam da boca dos homens, restam-me poucas dúvidas, nada mais eram que iguais filhos da criação, que na sua compreensão através do raciocínio, decidiram dar uma mão (ou um pulgar) a um bando de macacos.

Mas parece-me essencial a compreensão que somos, de facto, todos um. Não creio sermos semelhantes a um

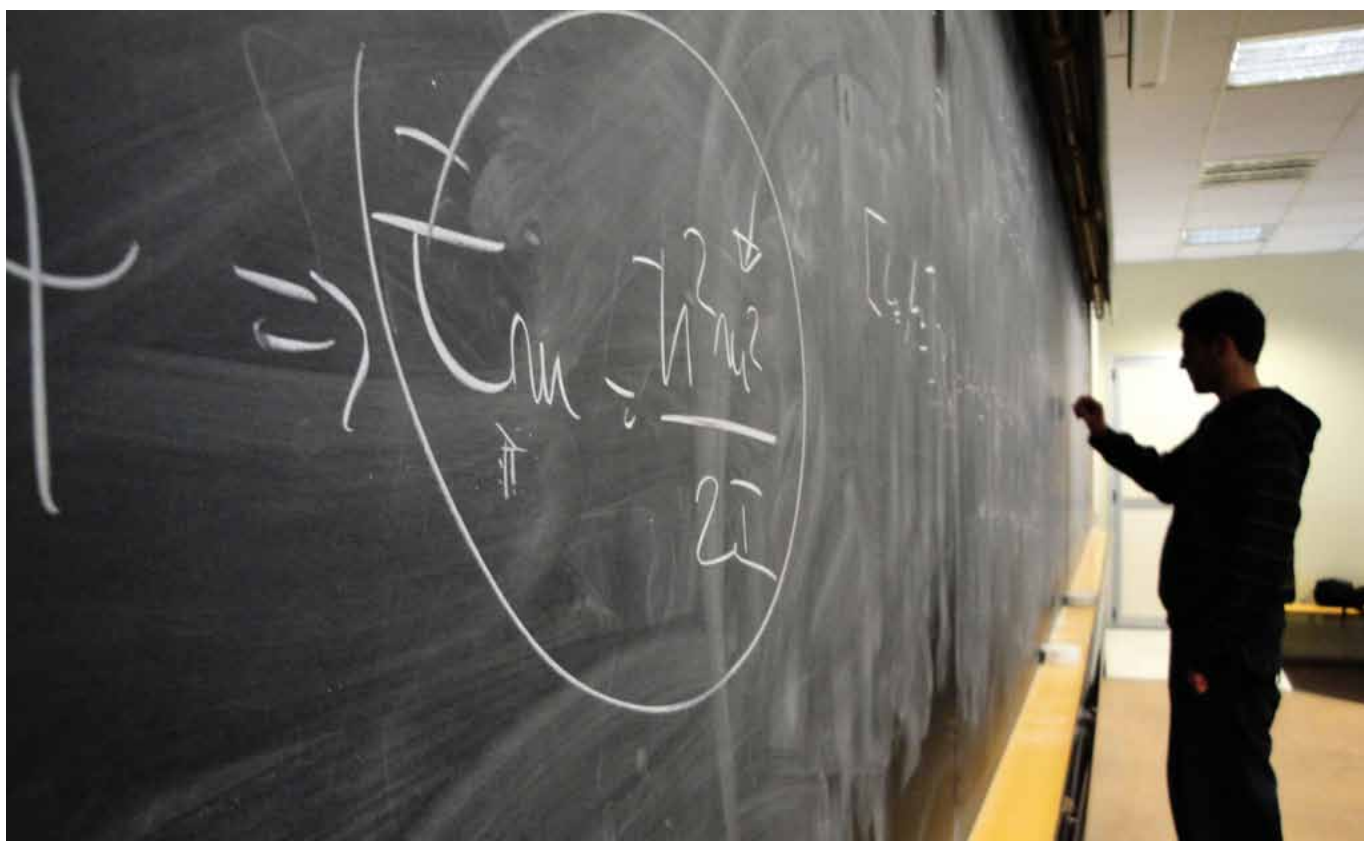
grande arquitecto, mas antes que estamos nesse mesmo arquitecto, e consequentemente, se compreendendo o seu funcionamento chegaremos mais perto de Deus. Ou se preferirem, só através de conhecimento de ideias, poderemos deixar a ilusão do mundo material (cortem-se-vos os sentidos, e não distinguireis merda de bife do vazio, garanto) e "ascender" ao mundo das ideias.

É essencial, na minha opinião, acima de tudo, pensamento feroz sobre esta questão. Ignoramos conhecimento ancestral (tenha sido por mera estupidez, ordens mundiais ou lagartos parasitas) em prol de um suposto conhecimento empírico e em constante questionamento. Tal há muito que foi substituído por resumos para ler em 3 minutos e mesmo os que se dedicam a esta questão, deixam-se arrastar nos preciosismos da linguagem, por dogmas sem sentido e acima de tudo, creio, pelo medo de compreender que não somos assim tão especiais. E por mais que aches que não o és, mesmo assim, continuas a acreditar que és especial. No fundo, é como pedir a uma formiga que me explique *A Crítica da Razão Pura* (já tentei, não obtive resultados). Basta compararmo-nos ao nosso guardião de cometas (sim, pois se Júpiter não tivesse a Órbita que tem, ao tempo que a Terra tinha sofrido mais extinções, humanidade incluída) para percebermos o quanto

"É que a ciência vai-nos espetando cada vez mais fundo esse punhal de kryptonite na ideia de super-homem que esquecemo-nos de pensar como deve de ser"

somos insignificantes num contexto realmente universal.

Seja por dilemas filosóficos, por disparos de protões que nas mesmas condições de teste apresentam resultados díspares ou mesmo por geometria definindo os dois primeiros números da sequência como 0 e 1 (os números seguintes serão obtidos por meio da soma dos seus dois antecessores) compreendemos que Deus não foi preciso, porque é preciso. •



A divina embriaguez

mahmud shabistari

*alternatividade a português por
bruno miguel resende*

texto estreado a 28 de janeiro de dois mil e um segundo o falso calendário cristão, no pequeno auditório do teatro de vila real.

Conjuntamente com textos de alfred jarry, charles baudelaire e omar kayyam com dramaturgia e interpretação de bruno miguel resende, encenação e interpretação de fátima vale, música de david leão e mané, desenho de luz e técnica pelo teatro de vila real, assistência de encenação de rafael pereira e flávia gomes e participação especial dos caretos de vila boa, vinhais.



**os frequentadores da taberna**

a taberna é a morada dos amantes
o lugar onde o pássaro da alma
descansa no ninho

o paradeiro do repouso que não
possui existência
num mundo sem forma

o frequentador da taberna é desolado
num deserto solitário
de onde vê o mundo como uma mi-
ragem

deserto sem limites e infinito
pois nenhum homem alguma vez
viu o seu início ou fim

embora febrilmente vagueies por
cem anos
estarás sempre sozinho

os inertes sem consciências nem
viagens

os fiéis e infiéis
renunciaram ao bem e ao mal
rejeitaram o nome e a fama
por não beberem do cálice da al-
truidade

sem lábios ou boca
desconhecedores das tradições
visões e estados
dos sonhos com salas secretas
luzes e maravilhas
mentem entontecidos pelos aromas
dos resíduos do vinho
e dão como resgate
peregrinos e rosários

por vezes
ascendem a mundos de ténues fe-
licidades
mas com gargantas exaltadas
ou com rostos enegrecidos
virados para as paredes
outras vezes com faces avermelhadas
amarradas às estacas

mas agora
agora
na dança mística da alegria no amor
perdem-se as cabeças e os passos
como céus giratórios
e em cada um que ouvir a poesia
lhe vem o êxtase do mundo oculto

pois no interior das meras palavras
e sons
da canção mística
oculta-se um mistério precioso

o de beber uma taça de vinho puro
de varrer o pó da inércia da alma
de agarrar as saias dos embriagados
e ser sábio

o vinho do êxtase

o vinho
aceso por um raio na face
revela o borbulhar das formas
tal como o mundo material
e o anímico
que aparecem como véus
para os castos
e as razões universais ao verem isto
ficam chocadas
a alma universal é reduzida
à escravidão

bebam vinho
lancem para as taças os rostos dos
amigos

bebam vinho
orientem-lhes os olhares para os
cálices

voem embriagados
bebam vinho
e isentem-se da frieza do coração
pois para um embriagado é muito
melhor a satisfação
mútua

porque o mundo inteiro é a sua
taberna

a sua taça de vinho o coração
de cada átomo

a razão é embriagada
os anjos embriagados
a alma embriagada
o ar embriagado
a terra embriagada
o paraíso embriagado

e o céu
tonto com os aromas do vinho
e dos seus vapores
torna-se infinitamente impressionante
pois se conseguem ver anjos a de-
liciar-se
no vinho puro
e a despejar os sedimentos
para o mundo

e do cheiro destes resíduos
o homem ascende ao paraíso
embriagado dos elementos
dissolvido na água e no fogo
absorvendo a reflexão

o frágil corpo torna-se alma
e a alma congelada
pelo calor se derrete e se torna viva
mas o mundo das criaturas continua
a ser vertiginoso
por não se afastar de casa

um pelos odores dos resíduos
se torna filósofo
um pela visualização da cor do vinho
se torna relator
um por meio rabisco

se torna religioso
um por uma tigela
se torna amante
outro engole de uma só vez
engole tudo
mas ainda mantém a boca aberta

vinho, tocha e beleza

as manifestações da verdade
são o vinho
a tocha
e a beleza

o vinho e a tocha são a luz e o bri-
lho do sábio
a beleza não se oculta de nenhum

o vinho é a sombra da luz
e a tocha a lamparina
a beleza é a luz do espírito
tão brilhante que acende faíscas
no coração

vinho e tocha são a essência
dessa luz ofuscante
a beleza é o sinal da divindade

bebam este vinho
e avivando a consciência
serão libertados do feitiço do ego
então o vosso ser
como uma gota
irá cair no oceano da eternidade

intoxicação

o que é o vinho puro
é a auto-purificação

que doçura

que intoxicação

que esplendoroso êxtase

oh
momento feliz quando parámos
e caímos no pó
ébrios e maravilhados
pois em extrema pobreza
seremos ricos e livres
e que utilidade terá então o paraíso
e as virgens
pois que nenhum estranho encon-
tra acesso
a esse espaço místico

não sei o que acontecerá depois
vi esta visão
e embebi-me deste cálice
mas depois da intoxicação
aproximam-se as dores de cabeça
e a angústia afoga-me a alma
ao lembrar-me disso •

C.G. Jung

e as Coisas Vistas no Céu

Júlio Mendes Rodrigo





"I am guarding my light and my treasure, convinced that nobody would gain and I myself would be badly, even hopelessly injured, if I should loose it. It is most precious not only to me, but above all to the darkness of the Creator, who needs Man to illuminate his creation."

C. G Jung citado por Miguel Serrano em C.G. Jung & Hermann Hesse: *a Record of Two Friendships*

É nossa convicção que o Homem Moderno padece de uma disjunção que não lhe permite o "açarbarcar da sua Totalidade", a saber:

Nous (Mundo Inteligível); Psique (Mundo Imaginal); Soma (Mundo Sensível).

Essa disjunção terá encontrado o seu zénite, aquando da entrada numa Era em particular, que explanaremos de seguida com algum detalhe.

Companheiro de C. G. Jung no *Círculo de Eranos*¹, o romeno Mircea Eliade na sua obra *Imagens e Símbolos* afirma que é no Kali Yuga que o homem e a sociedade atingem o seu ponto extremo de desintegração. Eliade cita o *Visnu Purâna* (IV, 24) de acordo com o qual: "o síndrome do Kali Yuga reconhece-se pelo facto de durante essa época, só a propriedade pode conferir categoria social: a riqueza torna-se a única fonte das virtudes, a paixão e a luxúria os únicos laços entre os esposos, a falsidade e a mentira a única condição do êxito na vida, a sexualidade a única via de prazer e a religião exterior, unicamente ritualista, é confundida com a espiritualidade. Depois de vários milénios, nós vivemos, bem entendido, no kali Yuga."²

Nesta linha de raciocínio, posicionaremos este texto em sintonia com algumas das ousadas e inovadoras perspectivas expostas por Carl Gustav Jung (1875 – 1961) que é com toda a certeza um nome que não necessita de grandes apresentações. Afirmemos apenas que foi um dos "pais" da mo-

derna psicologia das profundidades, tendo o seu nome intimamente ligado ao conceito por si criado e que designou de *Inconsciente Colectivo*. Acrescentaremos ainda que já bem perto do final da sua vida afirmou que, apenas as experiências interiores – para além de todas as ilusões – contam na vida de um indivíduo.

Jung pautou-se por ser uma figura crítica em relação ao tempo em que viveu. Em 1937 havia escrito um ensaio intitulado *Wotan*³ - malgrado as posteriores acusações de simpatia pelo nacional-socialismo por parte dos seus detractores – em que tece uma análise de determinados "aspectos do drama contemporâneo", protagonizados pelo

3 JUNG, C. Gustav – *Aspectos do Drama Contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 1990.

nazismo, que qualifica como uma esquizofrenia paranóica resultante de uma possessão colectiva cujo responsável é Wotan/Odin.

Talvez advenha desta sua ousadia, ou seja, o estudo das áreas mais recônditas e inexpugnáveis da *psique*, a tese apontada por alguns estudiosos da obra do sábio helvético, que o acusam de ter sido um *cripto-maniqueu*. Jung verá assim, o seu nome ganhar uma certa carga herética, quando associado à crença implícita da existência de uma guerra eterna entre o Bem e o Mal, em que as forças do Mal têm um papel "criativo". Desta feita entramos numa vertente especulativa "Onde Jung irremissivelmente se aparta da Cristandade, seja ela Ortodoxa, Católica ou Protestante – em tanto que oposta ao Gnosticismo, Hinduísmo e Taoísmo – é na questão da natureza da Divindade e no problema do mal... Identificar matéria, o corpo e a vida instintiva com o mal é puro maniqueísmo, a pessima haeresium, e explica até certo ponto a extrema confusão do pandemónio junguiano do Inconsciente Colectivo."⁴

Desta forma não é de estranhar o

4 RACHNER, R. C. – *Mysticism Sacred and Profane, Na Enquiry into some Varieties of Praeternatural Experience*. Oxford University Press, 1961.

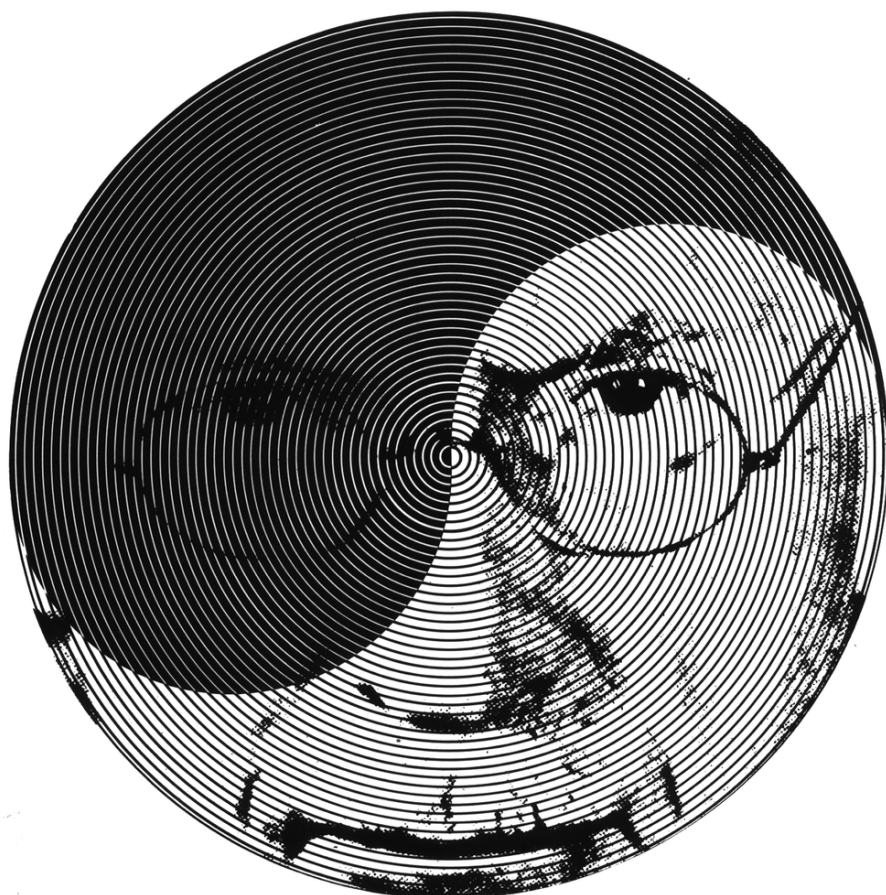


Fig.1 Jung

1 O Círculo de Eranos foi fundado em 1933 por Olga Fröbe-Kaptein (1881-1962), sob a orientação de Rudolf Otto, em Ascona, Suíça. Tendo como mentor Carl Gustav Jung, o Círculo de Eranos tinha por objectivo investigações de carácter interdisciplinar. Os seus estudos desenvolveram-se em três fases distintas: 1) da mitologia comparada, de 1933 a 1946; 2) da antropologia cultural, de 1947 a 1971; 3) da hermenêutica simbólica, de 1972 a 1988

2 ELIADE, Mircea – *Imagens e Símbolos*. Lisboa: Arcádia, 1979.



Fig.2 "Gravura Impressa em Basileia, em 1566" da colecção «Wickiana», Biblioteca Central de Zurique.

"O reconhecimento do Homem na sua totalidade só é possível pelo facto de se relevar, evidenciar e valorizar o indivíduo"

facto de Jung em 1958, assumir um posicionamento no que concerne à emergência de um novo *éon*, à semelhança do aviso efectuado em 1937, em que afirma:

"Certamente que sei, hoje como ontem, que a minha voz é demasiado fraca para ser escutada pelas multidões. Não é aliás tal pretensão o que me anima; simplesmente, é a minha consciência de médico que me aconselha a cumprir o meu dever: prevenir os que me queiram ouvir e prepará-los para o facto de que a humanidade deve esperar acontecimentos de que resultará o fim de um *éon*, o fim de uma era, o fim de uma grande época do mundo".⁵

Desta maneira poderemos encarar *Um Mito Moderno: sobre Coisas Vistas no Céu* como uma obra escrita com o intuito de preparar os seus leitores para os acontecimentos que a Humanidade

terá de enfrentar após a entrada num novo *éon*, numa nova Era. Estamos a referir-nos muito concretamente aos ciclos solares, em que se verifica a transição da Era de Peixes para a Era de Aquário. Ora como já anteriormente sugerimos, na tradição hindu, as sequências das eras (também designadas por *Yugas*) encontram-se tuteladas por uma marca fatídica em que se evidencia a destruição do mundo, seguida de um posterior ressurgimento que é assinalado pela descida de um avatar de Vixnu. A idade actual (*kali-Yuga*) corresponderá ao fim da *Idade Negra* que por sua vez, constitui um prelúdio de uma *Idade Dourada*. De acordo com alguns autores assistir-se-á, no decorrer deste processo transitório, ao fim da era cristã. Esta findará com a Era de Peixes, uma vez que a passagem do elemento Água dos Peixes ao elemento Ar do Aquário será fatal ao cristianismo.⁶

As ilações documentadas por Jung, quer em 1937 ou em 1958, atestam que pelo menos grande parte da sua obra assenta no seguinte pressuposto que passaremos a enunciar:

O reconhecimento do Homem na sua totalidade só é possível pelo facto de se relevar, evidenciar e valorizar o indivíduo.

Assim, para o psicólogo suíço, a sociedade contemporânea está alicerçada sobre um paradigma em que tudo (causas, efeitos, homens e actos) se encontra reduzido a um denomina-

dor comum (sexo, lutas de classes, materialismo e capitalismo), que obsta a que o próprio Homem encontre, como nos refere José Blanc de Portugal no seu prefácio ao livro de Jung, "*a mais perigosa ameaça ao progresso da luta pela conquista da verdade*."⁷ Neste seu prefácio, Blanc de Portugal enfatiza ainda a ruptura de Jung com Freud. O ilustrado prefaciador coloca a tónica no facto dos discípulos do psicólogo vienense, terem feito deste uma espécie de fundador de uma nova religião – o *pan-sexualismo*.

Nesta "*dissidentia oppositorum*" não estranharemos de certeza a impossibilidade de Jung apoiar uma civilização que erigisse "*como dogma a pretensão de reduzir o espírito a um recalçamento sexual*" atribuindo por consequência ao "*instinto religioso*" um papel de muito menor relevância.

Por decerto será mais ou menos consensual a afirmação de que a década de 1950 - relembramos que a obra de Jung aqui destacada foi redigida em 1958 - se caracterizou por um certo grau de angústia transversalmente expandida a toda a humanidade. O ano dos primeiros *avistamentos* em Roswell (1947) é curiosamente um período de manifestações maravilhosas, acontecimentos misteriosos, mas ao mesmo tempo uma época carregada de terríveis ansiedades. As pessoas sentiam que viviam numa época pincelada por uma forte ambivalência, por um lado a crença quase que inabalável no progresso, em que a Humanidade seria capaz de alcançar todas as suas ambições, por outro lado assistiu-se ao início de uma época em que simultaneamente todas as certezas começaram a cair por terra.

Passemos por breves instantes a palavra a Bryan Appleyard⁸: "*It was, for a start, the first full year in which the possibility of nuclear annihilation had begun to sink into the human imagination. The Hiroshima and Nagasaki bombs had been the initial warning, of course, but then, in summer 1946, came Operation Crossroads. This involved the detonation of two 23 Kiloton atom bombs, codenamed Able and Baker, at Bikini Atoll in the Pacific. With the first test at Alamogordo New Mexico, in 1945 and the two Japanese attacks, this brought to five the total of number of nuclear explosions on Earth.*"

Assim, pelo menos grande parte da Humanidade passou a viver em sociedades que idolatravam um progresso fortemente consumista, mas onde o

5 JUNG, C. Gustav – *Um Mito Moderno*. Lisboa: Editorial Minotauro, 1962.

6 WEBB, E – *Comprendre l'Ere du Verseau*. Marabout: B. Verviers, 1982.

7 Ibid.

8 APPLEYARD, Bryan – *Aliens, Why They are Here*. London: Scribner, 2006.



Fig.3 “ O peregrino espiritual descobre outro mundo”. Gravura em cobre do século XVII.

espectro de uma calamidade universal estava bem presente no seu quotidiano. Curiosamente, ou nem tanto se o imbuirmos de uma carga sincrónica de acordo com concepção *junguiana* do termo, um dos locais utilizados para o teste das novas bombas foi o atol de *Bikini* como referimos anteriormente. O *bikini*, (peça de vestuário) aliado à sua carga de frivolidade sexual, passou a ser encarado como um símbolo de prosperidade e consumismo exacerbado onde também não faltavam máquinas de lavar, aspiradores ou televisores. Vivía-se assim um período em que uma certa libertação sexual era acompanhada por uma sensação inexorável de destruição total eminente.

Ainda segundo Appleyard “...the *bikinis* and washing machines were the apples of the new Eden. The Bomb was God’s Judgement.”⁹

E é a luz daquilo que foi, ainda que de forma bastante abreviada, explanado anteriormente que Jung encara as manifestações de *Coisas Vistas no Céu*

(fenómeno OVNI), como a criação de um *mito vivo* que é simultaneamente reflexo e projecção psíquica das ansiedades contemporâneas. Partindo do princípio que “*eventus docet*”, o evento é que ensina, Jung encetou uma série de análise de sonhos de pacientes seus, com vista à compreensão deste fenómeno à luz da sua época.

Concluiu, em linhas gerais, o sábio suíço que a aparição de corpos redondos nos sonhos não é algo que surpreenda uma vez que os mesmos devem ser encarados como: “...símbolos que exprimem imagisticamente uma ideia que não foi pensada conscientemente mas que já existia no inconsciente, embora sob forma não definida e virtual, e que só o processo de tomada de consciência tornará acessível ao entendimento.”¹⁰

Quem estiver mais familiarizado com psicologia das profundidades reconhecerá com facilidade, que estes corpos redondos encontram correspondência imediata com o símbolo da

totalidade: a *mandala*, com o seu carácter ubíquo e apotropaico, enquanto círculo a propiciar o destino.

Afirma ainda Jung que “ Assim se encontra o círculo - *mandala* quer na pré-histórica «roda do Sol», quer ainda nos círculos mágicos, no microcosmo alquímico ou ainda, como símbolo moderno, ordenando e englobando a totalidade psíquica.”¹¹

Relativamente aos rumores visionários “*Durch zweier Zeugen Mund, wird alle Wahrheit kund*” (por duas bocas testemunhado se torna notória qualquer verdade), atribui-lhes Jung a sua origem à emoção inabitual que afecta a espécie

11 Ibid.

“Apenas as experiências interiores – para além de todas as ilusões – contam na vida de um indivíduo”



Fig.4 “O Semeador de Fogo”, quadro de E. Jacoby

humana. Para ele, estes (*rumores visio-nários*) são “Manifestações tais como con-vicções anormais, visões, ilusões, etc...não ocorrem a qualquer indivíduo senão quando ele se encontra psiquicamente dissociado, isto é, não se manifestam senão quando nele existe uma discontinuidade, uma ruptu-ra, uma ravina entre o seu comportamento consciente e os conteúdos compensadores do inconsciente.”¹²

Assim segundo Jung, o fenómeno dos discos voadores apresenta pro-fundos planos inconscientes que, no decurso do devir histórico, sempre se exprimiram por “representações numino-sas”, que carregam de significação os acontecimentos de que perscrutamos, os enigmas.

Residirá então o enfoque central na problemática deste fenómeno, no facto do homem moderno não aceitar a sua *Sombra*, enquanto representação do con-junto de defeitos que por norma não são reconhecidos e em geral são recalcados pelo *Eu*.

O reconhecimento de um *Inconscien-te*, encarado não apenas como na acep-

ção freudiana, como um mero repositó-rio de desejos recalcados, mas antes sim como uma entidade viva independente da nossa perceptibilidade e acima de tudo além das noções dualistas de bem e de mal, é de forma *natural* a parte da nossa psique que o *ego* enquanto cons-ciência superficial desconhece. Todavia a sua “ocultação” em grande parte de-vida à emergência de modelos em que impera um racionalismo crítico, não impede que o *Inconsciente* opere o seu papel, através da sua actuação, entre os sonhos, permitindo um (*re*) aproximar à linguagem simbólica entretanto per-dida.

Para Jung, a finalidade última da Vida será conhecida pelo processo de *Individuação*, caracterizado pelo pro-fundo autoconhecimento que permitirá adquirir as forças que nos possibilitem enfrentar medos ancestrais bem como as partes intimamente mais desconheci-das de nós próprios.

Enalteça-se portanto o papel de C.G. Jung que de forma ousada e atenta, aproveitou as manifestações deste *fenómeno moderno* com vista tornar-se um observador privilegiado do emergir de

“O ano dos primeiros avistamentos em Ro-swell (1947) é curiosa-mente um período de manifestações mara-vilhosas, acontecimen-tos misteriosos, mas ao mesmo tempo uma época carregada de ter-ríveis ansiedades”

um mito (*vivo*) aquando do seu proces-so de formação. Para ele, estas manifes-tações são válidas enquanto projecções psíquicas, colocadas nos céus pela nossa consciência receosa, não deixando no entanto de ser menos reais por tal facto. Para o nosso autor, representam então os OVNI's - nas suas diferentes facetas contextualizadas em distintas perspecti-vas, que vão desde a sua análise enquan-to rumor público, presença no sonho ou inclusive como exteriorizações artísticas (pintura) – manifestações simbólicas que exprimem e dão voz à aflição, à ago-nia, à miséria, à dor, ao confrangimento e pena que se instalaram no *Inconsciente* deste velho Homem (*pós*) moderno tão dissociado de *Si* próprio.

Com vista ao aprofundar do assun-to abordado neste texto, consultar-se-ão com bastante proveito as seguintes obras:

APPLEYARD, Bryan– *Aliens, Why They are Here*. London: Scribner, 2006.

DURAND, Gilbert – *A Imaginação Simbólica*. Lisboa: Edições 70, 1995.

ELIADE, Mircea – *Imagens e Símbolos*. Lisboa: Arcádia, 1979.

JUNG, C. Gustav – *Um Mito Moder-no*. Lisboa: Editorial Minotauro, 1962.

JUNG, C. Gustav – *Aion: Estudos so-bre o Simbolismo do Si-Mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1982.

V/A – *Cons-Ciências 04, A Humanida-de e o Cosmos: À Procura do Outro e de Si Mesmo*. Porto: Centro Transdisciplinar de Estudos da Consciência da Universi-dade Fernando Pessoa, 2011.

Croca – Penafiel, Setembro 2011 era *vulgaris* •



Homem: Deus ou Animal?

Metzli

O aparecimento do Homo sapiens sapiens à face da terra sempre semeou a discórdia no seio da espécie. Os mais crentes acreditam na existência de um ser superior igual a si (porque sendo deus um fruto da imaginação do Homem, foi ele que foi feito à nossa imagem e não o contrário), mas perfeito que só por existir (ainda que não se saiba se existe de facto) torna tudo possível e sustentável.



Como tudo é possível, claro que se pode fazer “a” espécie a partir da lama, ou pó, ou algo semelhante. E com sorte, um dia, alguém (de entre esses mais crentes) vai-se lembrar que a asma e a bronquite não são patologias clínicas mas sim excesso de pó no processo de fabrico.

Cedo, no entanto, alguns espécimes perceberam que não precisavam de inspiração divina para traçar as suas metas e os seus caminhos. O seu espírito era forte o suficiente para, mesmo sem perceber os relâmpagos que vê no céu, perceber que tem de existir uma causa e o melhor a fazer é procurar essa causa para desvendar o mistério. E assim o fez (e faz) com tudo.

Um ser perfeito e maior do que tudo não podia mais ser resposta para a sua origem. Apesar de todas as provas encontradas, e bastava uma para contrariar a teoria (ou devo dizer antes história, para não se confundir, no mínimo que seja, com o que a ciência nos deu?) de Adão e Eva, os mais crentes continuaram, de pé fincado no seu lugar. Até que um dia, depois de uma viagem inspiradora, surgiu uma voz que explicava e unia algumas pontas até então soltas. Mesmo antes de se saber o que era o ADN e para que servia, já Charles Darwin acreditava e defendia a evolução. Só nunca hei-de perceber porque é que todos ficaram muito revoltados por descenderem de símios.

Até essa data, descender de um deus nunca os preocupara...

Às vezes pensamos que os homens ou são da ciência ou são de deus. Sinceramente, penso que uma estrada não obriga necessariamente a que a outra seja excluída. O Prof. Afonso, meu professor de Ciências da Terra e da Vida no secundário, costumava dizer que a bíblia tinha de ser lida como uma metáfora. Segundo ele, de uma forma muito resumida, deus tinha criado a matéria que dera origem ao Big Bang e a partir daí tudo tinha evoluído de acordo com o que defende a ciência, pela ordem com que aparece na bíblia: os mares, a terra, os seres terrestres e no final de tudo o Homem...

O Homem debate-se com um grande dilema. Eu própria não consigo enunciar um dos ramos dessa dicotomia como o meu predilecto. Ser animal ou ser deus. Por um lado, somos do Reino Animalia como os outros e partilhámos tantas características com outras tantas espécies, mesmo à medida que vamos caminhando desde o Filo até à família. Chegamos a partilhar 97% de semelhanças com outros símios. Somos feitos da mesma matéria, ainda que organizada de acordo com outra estrutura. E esses 3% de diferença deram-nos capacidades únicas, que muitos consideram superior. Do ponto de vista científico, um dos processos biológicos mais complexos é a fotos-

síntese. Uma planta qualquer realiza a fotossíntese, a nossa espécie não. Mas afinal somos nós que temos plantas em casa e não o contrário.

Toda esta capacidade inerente à nossa espécie de dominação sobre outras dá-nos a possibilidade de caminhar do animal e chegar a deus, pelo menos à sua definição. Dizem as vozes santas que deus dá a vida e dá a morte. O Homem deu desde muito cedo a morte, mas faltava dar a vida (sem ser pela banal procriação) e conseguiu-o através da ciência. Primeiro pela fertilização *in vitro*, depois pela clonagem (de na imais, até agora, oficialmente) e, num futuro que eu creio próximo, pela manipulação genética. Futuro ao qual gostava de chegar, mas ir por aí seria afastar-me deste tema escolhido para agora.

E é nesta encruzilhada que a maioria dos homens se encontra, ainda que inconscientemente. Podendo ferir susceptibilidades, peço de antemão desculpa, mas tenho de ir por aí. Sem qualquer tipo de avaliação moral, gostaria de abordar, a título de exemplo, a patologia Trissomia 21. Será uma abordagem meramente do ponto de vista da ciência e da evolução de uma espécie. Prometo!

Se na Natureza algum indivíduo nascer com uma mutação genética idêntica em género (mais um cromossoma do que seria de esperar), ou essa



mutação se traduz numa característica vantajosa para o meio onde se insere, ou, caso contrário, terá lugar a sua morte. Mais tarde ou mais cedo. O que temos nós feito, quando desempenhamos o papel de homem-deus? Temos movido todos os nossos esforços para oferecer aos indivíduos “menos aptos” uma vida digna, traduzindo-se isso num aumento da esperança média de vida, entre outras coisas.

Voltando ao exemplo anterior, analisemos os resultados práticos. Conseguimos aumentar, de facto, a esperança média de vida dos portadores de Trissomia 21. Neste momento têm a possibilidade de constituir família, casar e ter filhos, descendência. Terminando o exemplo, volto a referir que são apenas “factos”, não sendo a minha opinião importante. As espécies só podem evoluir se respeitarem as regras. É necessário haver triagem de indivíduos. Mais do que a evolução, esses mecanismos de triagem permitem a sobrevivência da espécie. Têm de haver mortes, então que sejam os mais fracos, porque uma sociedade só pode ter pilares fortes nas suas bases, caso contrário irá ruir.

Ao longo dos tempos, à medida que se tornava mais evoluído, o Homem começou a lutar contra a selecção natural. Esqueceu-se rapidamente que é uma das espécies mais frágeis, que ao contrário dos restantes animais, as

suas crias não são capazes de sobreviver sem cuidados ultra-especiais, por exemplo.

“Satan representa o Homem como apenas mais um animal, umas vezes melhor, frequentemente pior do que aqueles que caminham sobre quatro patas e que, por causa do seu “desenvolvimento intelectual e espiritual divino” tornou-se no animal mais perverso de todos!” LaVey, A Bíblia Satânica

Eu também acho que o Homem é um animal. Iria mais longe e acrescentaria ser um pouco ridículo dizer-se que uma espécie é mais evoluída em relação a outra (quanto muito seria mais apta a determinado ambiente). Dessa forma, e acreditando ser o *Homo sapiens sapiens* a espécie mais dotada de consciência, não vejo nenhum motivo para querermos iludir o mecanismo que nos criou e que tem funcionado para todas as formas de vida, mantendo o equilíbrio: a sobrevivência do mais forte.

Não digo que não seja interessante olhar para o planeta e dizer que somos a espécie mais evoluída, e quem me conhece sabe bem que não. No entanto, não nos podemos esquecer que somos só uma espécie entre muitas outras, todas diferentes, todas com as suas artimanhas que lhes permitem ir sobrevivendo. Todas elas fruto da evolução,

“Só nunca hei-de perceber porque é que todos ficaram muito revoltados por descenderem de símios. Até essa data, descender de um deus nunca os preocupara...”

da interacção de várias personagens e circunstâncias, de mutações que foram surgindo e de alterações que o meio foi sofrendo.

O planeta começou a entrar em declínio quando o Homem achou que poderia travar a selecção natural e inverter a tendência de morte preferencial do menos apto e, pela primeira vez, movimentou energia nesse sentido. Até pode ser que o consiga, mas qual será o preço? •





HIGHER BEINGS COMAND

ou o “crowleyanismo” de contacto OVNI

Devis DeV deviLs g





De acordo com Kenneth Grant, o mágico John Dee (1527-1608), que viveu na corte da Rainha Elizabeth I, foi o primeiro a, historicamente, mostrar um relatório documentado de contacto entre humanos e entidades extraterrestres.

Dee considerou estes “seres superiores” como sendo “anjos” e, com o auxílio do vidente Edward Kelly (1555-1597), recebeu muitas instruções dos mesmos, numa língua distinta, o Enoquiano.

Alguns estudiosos dizem que o Enoquiano é uma língua falsa. Os praticantes da magia do caos, normalmente, não se preocupam com esta alteração, considerando que a mesma não deixa de ser, apesar de tudo, uma linguagem viável para afazeres mágicos.

Notavelmente, até Anton LaVey incluiu as “Chaves Enoquianas” na sua composição literária. Enquanto Aleister Crowley, no capítulo 66 do seu *The Confessions of Aleister Crowley*, se livrou de toda a matéria, ao simplesmente indicar que “condenar Kelly como um charlatão em trapaça – o panorama aceite – é basicamente estúpido.”

Dee acreditava que o Enoquiano era a língua protótipo, usada pelos Anjos para falarem com o Adão da Bíblia e, desta maneira, tornou-se na primeira língua da humanidade. Frances Yates reparou no seu livro *The Rosicrucian Enlightenment* que Dee fora uma personagem deveras importante para a Irmandade “Rosicruciana”. Daí, existir uma linha que liga os “Rosicrucianos” aos “Illuminati” e à Hermetic Order of the Golden Dawn. Aleister Crowley foi iniciado na Golden Dawn em 1898 e rapidamente ascendeu pelos níveis até à altura que esta se quebrou através de cismas/facções. Crowley, através de significados da cerimónia mágica de Dee Kelly que estudara durante a sua comparência dentro das graduações da Golden Dawn, evocou estas “entidades Enoquianas” (ver capítulo nove de *Cults of the Shadow*, de K. Grant). A seguir, ele deixa Inglaterra e começa a viajar, extensivamente, por todo o mundo.

Em 1904, Crowley, que incidentalmente reclamou que Edward Kelly fora uma das suas reencarnações prévias, encontrava-se no Egipto com a sua primeira esposa, Rose Edith, que igualmente ficou com Kelly como nome de família. No Cairo, aconteceu que Rose, a qual não tinha tido, até àquele período, nenhuma familiaridade com o oculto,

entrou em transe e insistiu com o seu marido que os antigos deuses egípcios estavam a tentar contactá-lo. Rose identificou o deus Hórus como a fonte da mensagem. Então, como um teste, Crowley levou Rose ao Museu Boulaq e pediu a ela para que lhe apontasse Hórus. Ela passou em várias imagens do deus e conduziu Aleister directamente a uma estela funerária de madeira pintada, mais tarde conhecido pelos “crowleyanistas” como “A Estela da Revelação”, da vigésima sexta dinastia, representando Hórus a aceitar um sacrifício de um padre chamado Ankh-Af-Na-Khonsu. Crowley ficou especialmente impressionado pelo facto de que esta peça estava numerada pelo museu como a 666ª. Logo, depois desta revelação peculiar, Crowley escreveu LIBER AL vel LE-GIS, igualmente conhecido como THE BOOK OF THE LAW, o qual lhe havia sido ditado por uma presença sombria, por detrás dele, que se chamava Aiwass ou Aiwaz, de acordo com uma soletração alternativa. Este será um dos muitos “seres superiores” que Crowley encontrou durante as suas actividades mágicas. Frequentemente, Crowley falara de Aiwass, usando termos simbólicos e, por vezes, considerando-o para si próprio uma inteligência não encarnada, ao mesmo tempo “alienígena e superior”, a ponto de quase identificar Aiwass como sendo o seu próprio Anjo da Guarda Sagrado.

Até em tempos contemporâneos há muita conversa sobre Aiwass, dentro dos círculos “pós-crowleyanistas”. Contudo, não existe dúvida quanto a Crowley o ter considerado um ser real, o qual só era capaz de apanhar fora do canto dos seus olhos, durante as sessões dos três ditados. No *The Equinox of the Gods*, Crowley escreveu que tendia para “acreditar que Aiwass não é apenas o Deus sagrado que já foi na Suméria, e o meu próprio Anjo da Guarda, mas também um homem como eu, na medida em que usa um corpo humano para fazer a sua ligação mágica com a Humanidade, o que ele adora, e assim ele é um Ipsissimus, a Cabeça da A●A●” (A●A● é a ordem mágica que Aleister Crowley criou em 1907, após deixar a

“Dee considerou estes “seres superiores” como sendo “anjos” e, com o auxílio do vidente Edward Kelly (1555-1597), recebeu muitas instruções dos mesmos, numa língua distinta, o Enoquiano”

Hermetic Order of the Golden Dawn).

O acrónimo é-o por muitos sentidos, o principal é conhecido como Astrum Argenteum, “Estrela Prateada”. Ele descreveu o seu visitante sombrio do seguinte modo: “um homem negro e alto, nos seus trinta, corpo bem constituído, activo e forte, com a cara de um rei selvagem e olhos disfarçados...”.

De acordo com Allen Greenfield, um estudioso que pensa que o fenómeno OVNI está, de alguma forma, directamente ligado ao Ocultismo, a descrição de Aiwass feita por Crowley possuía muitas semelhanças com as descrições nos relatórios modernos dos “men in black” (“homens de negro”). John Kell foi o ovniologista a cunhar, pela primeira vez, o termo “men in black” e o próprio Kell, no seu livro *UFOs: Operatin Trojan Horse*, sugeriu similaridades entre os casos “men-in-black” e relatórios ocultos mais antigos, ao dizer que o fenómeno moderno “men-in-black” é exactamente o mesmo fenómeno, que em tempos antigos, fora compreendido como sendo encontros imediatos com demónios, elfos e fadas. Até o termo “the black man” foi usado durante séculos em referência ao próprio Diabo. Em muitos ensaios antigos de bruxaria, o “the black man” foi frequentemente relatado ao se encontrar com as bruxas acusadas de ter relações sexuais com ele. Actualmente, o termo “black man” substituiu o termo “negro” e o sentido satânico perdeu-se.

De volta a Aiwass, na sua autobiografia *The Confessions of Aleister Crowley*, o mágico afirmou que também recebeu uma carta deste em 1910, durante os célebres “Amalantrah works”, assinada por Samuel Aiwaz Jacob, a qual o ajudara a resolver um problema



cabalístico. Noutra vez, no seu Confessions, Crowley escrevera que “eu estivera atado para admitir que Aiwass havia mostrado um conhecimento da Cabala incomensuravelmente superior ao meu”. No seu livro Secret Cipher of the UFO-nauts, Allen Greenfield reparou como é que os “seres superiores” se encaixaram na Cabala e, consequentemente, que as suas mensagens, especialmente aquelas que contêm nomes e números estranhos, devem ser sempre lidas segundo interpretações e métodos de decifrar cabalísticos. O sexto capítulo de The Magical Revival, um outro livro de Kenneth Grant, é bastante elucidativo quanto a mostrar como é que o próprio Crowley usou técnicas cabalísticas para testar e provar as mensagens que ele continuava a receber dos “seres superiores” que contactava.

Particularmente a “Gematria”, que é um sistema de atribuição de valor numérico para uma palavra ou frase, de modo a que essas palavras ou frases com valores numéricos idênticos possam garantir algumas relações entre si ou descobrir significados ocultos. Esta técnica cabalística é uma derivação ostensiva do Grego e a mesma é, também, largamente aplicada a textos Judeus cabalísticos. Todavia, há estudiosos, por exemplo, o acima citado Greenfield, que aplicam este método também à língua Inglesa, defendendo que, cada e toda a mensagem extraterrestre recebida pelos contactados, pode ser decifrada usando English Qaballa, de acordo com a chave secreta que ele encontrou dentro de LIBER AL vel LEGIS. De facto, THE BOOK OF THE LAW refere-se a uma escondida cifra interna, a qual fora predita que nem o próprio Crowley seria capaz de a decifrar. Não obstante, foi predita a reso-



lução da cifra por outro mágico. Segundo muitos estudiosos “crowleyanos”, Frater Achad (Charles Stansfeld Jones), conhecido por “criança mágica de Crowley”, foi o único a encontrar a chave para o código, exposta no seu Book 31. E, de facto, sabe-se que THE BOOK OF THE LAW foi renomeado como LIBER AL vel LEGIS, somente após ele ter as apropriadas observações cabalísticas realizadas por Frater Achad. De qualquer forma, Greenfield indica que mesmo C. S. Jones não acedeu à total resolução do código. Decifrar o código levou cerca de 70 anos e necessitou da aplicação de tecnologia computadorizada, a qual não se encontrava à disposição de Jones.

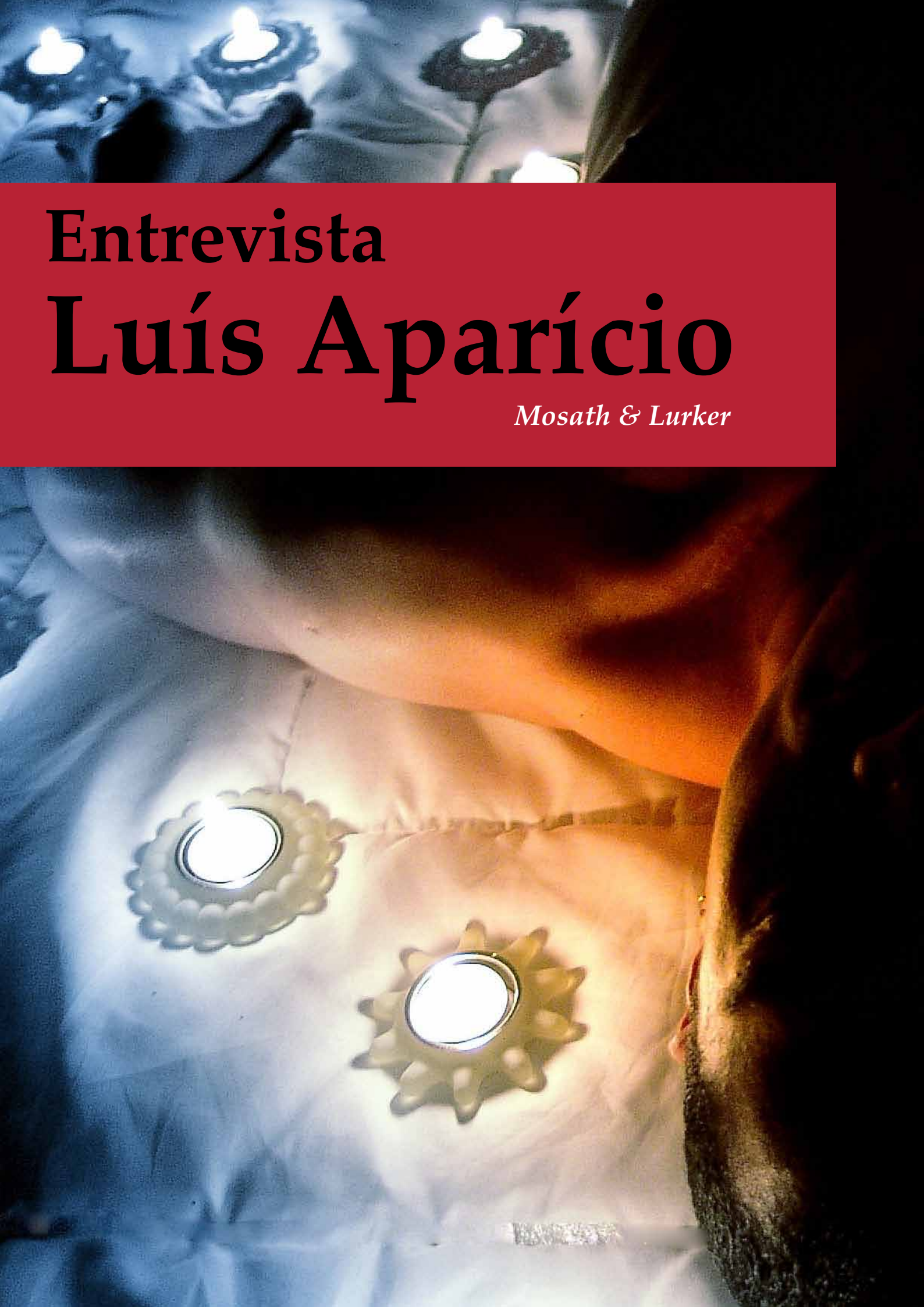
Aiwass não foi o único “ser superior” que contactou Crowley. “Deuses” ancestrais à parte, entre ovnilogistas ainda resta muita conversa sobre o “ser superior” chamado LAM, o qual o mágico foi capaz de contactar através de Amalantrah, um outro “ser superior” que contactou “THERION 666” (um nome mágico usado por Crowley, que significa “Besta 666”) através dos trabalhos mágicos conduzidos por Soror Ahitha (Roddie Minor, a “quarta Mulher Escarlata”) e por si próprio. Tome-se nota desta frase tirada do interior dos diários mágicos de “Amalantrah works” que diz: “A própria Linguagem suporta testemunho

à Lei”. Uma frase que, de algum modo, corrobora a tese exposta por Greenfield acerca do uso cabalístico da linguagem, a fim de decifrar as mensagens escondidas no THE BOOK OF THE LAW.

Crowley fez também um retrato de LAM, que incluiu na sua mostra de imagens Dead Souls, a qual teve lugar em Greenwich Village, Nova Iorque, em 1919. Muito estranhamente, este “ser superior” assemelha-se muito com a descrição que surgiu posteriormente dos “extraterrestres cinzentos” dos casos de encontros imediatos de OVNI. Crowley deu o desenho a K. Grant em 1945, um dos líderes da actual O. T. O., a sociedade oculta previamente liderada por Crowley. O próprio Grant disse que “LAM é um Grande Antigo, cujo arquétipo é identificável em relatos de ocupantes de OVNI” e, segundo ele, LAM pode ser invocado para cumprir o trabalho posto em andamento por Aiwass, já que o primeiro pode ser visto como um reflexo do segundo.

Bem, eu detenho aqui, de qualquer maneira há material suficiente para o leitor considerar que contacto OVNI e crowleyanismo são feitos do mesmo pano. Cabe ao alfaiate cortar o vestido ou o fato do mesmo tecido. •

“Muito estranhamente, este “ser superior” assemelha-se muito com a descrição que surgiu posteriormente dos “extraterrestres cinzentos” dos casos de encontros imediatos de OVNI”



Entrevista Luís Aparício

Mosath & Lurker





Numa edição dedicada ao tema da origem da vida na Terra achamos apropriado falar com a APO. Fica o resultado da conversa com Luís Aparício, um dos seus mentores.

Para começar, quem é Luís Aparício e o que é a APO e qual/quais é/são o/os seu/seus propósito/spropósitos?

A Associação de Pesquisa OVNI - APO é um agrupamento de vontades, sem fins lucrativos, que tem por objectivo o estudo e a divulgação do fenómeno OVNI em todas as suas vertentes, numa forma não dogmática, utilizando todos os meios académicos ao nosso dispor, não deixando de também procurar encontrar outros meios ou vontades que nos levem à explicação racional de um dos mais intrigantes momentos que a humanidade já passou e que poderá afectar todas as nossas estruturas sociais, políticas, económicas, militares e religiosas.

Como é que nos pode descrever a sua experiência de vida até chegar à APO, relativamente à observação e investigação de fenómenos não identificados?

Antes da Associação de Pesquisa OVNI - APO ser formada, em 2001, percorri um caminho de pesquisa noutras associações que iniciaram uma

abertura de investigações e mentalidades, possibilitando que hoje tenhamos uma grande facilidade de conhecer vivências e observações das diversas vertentes da ovniologia em Portugal. Antes de ser um dos co-fundadores da APO, tive a possibilidade de me manter atento ao desabrochar dum novo mundo espiritual que começou a partir de 1956, com a publicação do livro de Lobsang Rampa: *A Terceira Visão*.

De que forma é que começou o seu interesse na área?

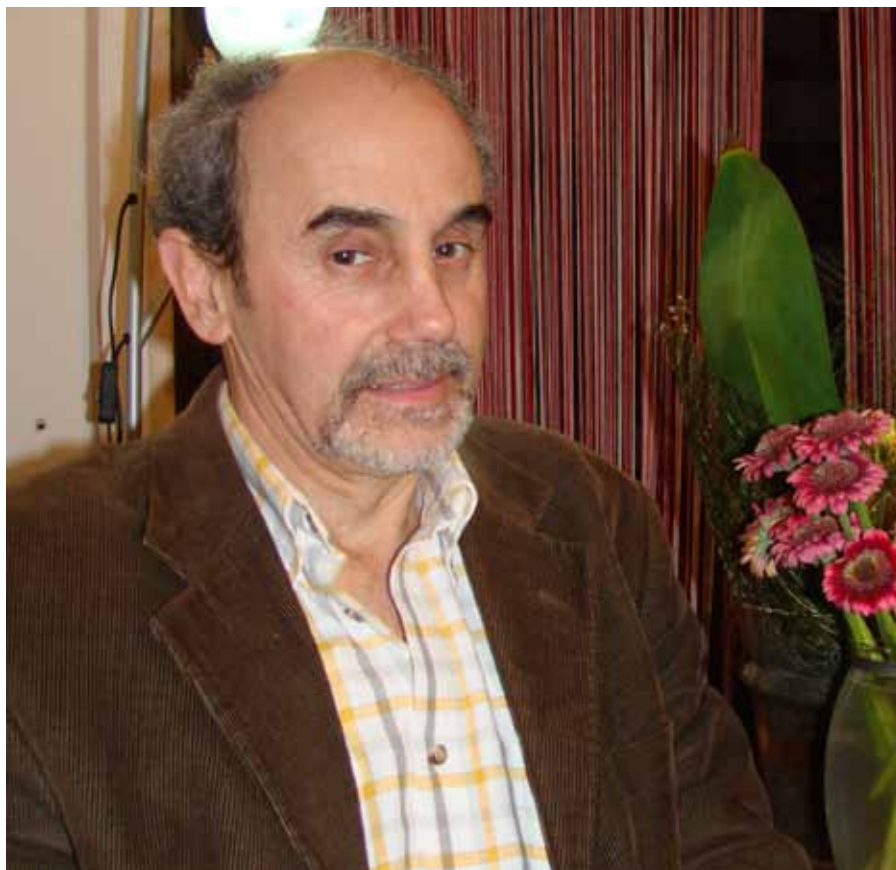
Nada na vida é por acaso e se fomos buscar ensinamentos ao budismo, nós viemos experienciar para o nosso eu superior. Quer dizer que já viemos com um destino preciso. Eu acredito que desde muito cedo este mundo dos mistérios me fascinou. Lembro-me do meu avô paterno falar muito das estrelas no céu nocturno e do sete estrela (Plêiades). Lembro-me que ele lia o *Lunário Perpétuo* e houve uma vez que anunciou que ia haver um terramoto, porque era observador da água no fundo do poço, à procura de sinais estra-

nhos. Anunciou isso aos vizinhos, mas ninguém lhe ligou nada. O terramoto deu-se e a partir daí as pessoas começaram a olhá-lo de outra forma. Possivelmente está em mim o continuar duma veia genética.

O que é que significa OVNI e quais é que são os tipos mais comuns a encontrarem-se nas páginas de histórias relatadas em/de Portugal?

Ovni significa objecto voador não identificado mas há muitas outras formas de apelidarmos essas formas esguias que percorrem os nos céus, principalmente na fase nocturna. Os hindus há 6.000 anos atrás chamavam-nos Vimanas. Os nossos livros sagrados ocidentais apelidam-nos de carros de fogo, mas acredito que eles terão um nome, conforme a sua origem e a sua capacidade de carga ou capacidade de operacionalidade. Assim como temos petroleiros, paquetes, granuleiros, assim deverá haver uma grande quantidade de ovnis utilizados para fins diversos. No caso de Roswel, o ovni que se estatelou em terra seria talvez um ovni *scoter*, era feito dum material muito leve e era dimensionado só para transportar cerca de quatro pessoas. Em Portugal temos tido n referências a diversas aparências de diferentes naves. No caso do Sr. Américo Duarte na Gardunha, ele disse que tinha sido levado para dentro da serra da Gardunha e que lá lhe mostraram uma gare com diferentes naves, utilizadas para diferentes usos. Na Sierra Bermeja em Puerto Rico, um agricultor que lá vive contou que o levaram numa nave para dentro dessa Serra e lá lhe mostraram muitas naves diferentes. Ele perguntou porque lhe estavam a mostrar essas naves. O cicerone disse-lhe que era para ele vir à superfície relatar aquilo que ele estava a ver, ou seja, os diferentes tipos de naves. O interessante é que não podemos só dizer que as naves são corpos físicos tridimensionais palpáveis. Já se começa a conjecturar em ovniologia que há naves biológicas, outras teorias dizem que os ovnis, poderão ser sombras tridimensionais de naves quadrimensionais. Também devemos apontar para a existência de naves do mundo da anti-matéria, que obviamente não poderão nem sequer aproximar-se do nosso mundo, devido ao perigo de explodirem.

Na história Portuguesa há alguns relatos das naves com comportamento inteligente que apareceram depois do terramoto de 1755 em Lisboa. Antes e depois não somos muito pródigos, embora eu acredito que em todas as aparições marianas essas naves vieram cá ao local da aparição embelezar o local





onde a entidade mariana ia aparecer. Cá em Portugal temos tido ao longo dos anos um sem número de aparições da Senhora. Na actualidade verificamos que cada vez que a Senhora aparece é sempre precedida de anúncios nocturnos, por exemplo nas noites anteriores à sua aparição na Asseiceira (Rio Maior) no céu nocturno apareciam deambulando pelo céu luzes com comportamento muito nocturno, também apareciam procissões de muitas luzinhas em terra. Essas procissões percorriam diversas partes da Asseiceira. Pareciam a chama duma vela, mas eram muitas e seguiam deambulando em fila indiana.

Vamos tentar seguir para outro patamar: pessoalmente, já teve a experiência de fenómenos sobrenaturais, sem aparente explicação e/ou avistamentos? Se sim, poderia contar-nos, em primeira mão, o mais marcante?

O grande problema está na capacidade de recordar. Actualmente poderemos estar a ter o contacto, mas não o vemos e nem o sentimos, parece *sui generis*, mas é uma realidade. As abduções são um campo onde a pessoa é levada, poderão fazer-lhe procedimentos de carácter reprodutivo para a produção de novos seres, mas depois pode continuar a ser levada para ajustar energias dentro de si que vão decerto colocá-la num outro estado de percepção. No meu caso pessoalmente aquilo que mais me marcou foi ver um ovni na cidade do Porto. No dia 17 de Dezembro de 2005, tivemos a possibi-

lidade de poder ver um ovni perto da Via de Cintura Interna no Porto. Eram 19:30 e havia um nevoeiro intenso. Estava também uma chuva miudinha e a cinco metros de altura dos prédios, estava um disco com cinco janelas a rodar lentamente. Fui chamado a atenção para esse fenómeno por uma pessoa que tem tido imensas experiências no campo abdução. Foram só alguns segundos de visão e perante o ditado Português de “*quem tudo quer, tudo perde*”, ou seja, dirigi-me à sala onde tinha a máquina fotográfica, não demorei mais de quatro segundos. Quando voltei à rua já lá não estava tal disco, parece que o mesmo não queria ser fotografado.

No processo de investigação, quais são os detalhes/critérios essenciais, mais fortes, para que um determinado avistamento ou relato amador seja de imediato descartado ou levado em maior verosimilhança pela APOVNI?

Nós somos a APO, o site é que tem o nome de www.apovni.org. Mas passando este aparte e respondendo a esta questão, entramos no campo de qual a tipo de método deverá ser utilizado para a investigação ovni. Uns preconizam que devemos utilizar meios científicos, separar as testemunhas, analisar os seus antecedentes criminais, sujeitá-las a inquéritos longos e repetitivos, para tentar obter a total verdade. No caso do Vilas Boas, ele foi aliciado com dinheiro e foi aos EUA e lá aplicaram-lhe o soro da verdade, o que lhe veio trazer imensos problemas de saúde,

“Ovni significa objecto voador não identificado mas há muitas outras formas de apelidarmos essas formas esguias que percorrem os nossos céus, principalmente na fase nocturna”

tendo ele falecido ao fim de poucos anos, com complicações várias.

O nosso método de investigação terá de ser sempre empírico, embora tenhamos diversos inquéritos, a par dos avistamentos e para as abduções. Temos que ter sempre em mente que as testemunhas estão a lidar com assuntos que podem estar a empregar milhões de anos de avanço tecnológico. Por exemplo as escadas de luz, como as podemos interpretar? Cada testemunha pode descrever um mesmo assunto de diversas formas, daí que não podemos empregar um procedimento uniforme, terá que ser flexível e privilegiar os olhos nos olhos.





Na sua vida social, costuma frequentar locais para reunir-se com entusiastas por estas descobertas e estes estudos ou prefere não trazer esses assuntos para uma mesa aleatória com copos e comidas, a fim de se poupar a ouvir a estupidez de certos indivíduos?

A APO reúne-se todos os meses na sua conferência mensal no Hotel Principe, na Av^a Duque de Ávila, 201 em Lisboa.

Sabemos que o álcool faz mal ao cérebro, danifica-o e é um tóxico, por isso uma pessoa ébria emana uma energia muito baixa, assim recuso-me estar em ambientes onde as pessoas estejam a beber. No início das nossas conferências as pessoas pensavam que como começava às 18 horas iria colidir com o jantar, mas o interesse das nossas conferências é tal que ninguém se importa com a comida.

O que é que pensa de Portugal, no que toca à investigação do espaço? Teremos, sobretudo, bons profissionais, nas variadíssimas áreas, que escolhem o estrangeiro para desempenharem as suas artes e ideias ou os mesmos encontram-se no país, sendo o grande mal nós próprios ao não os conhecermos e valorizarmos?

Os profissionais existem em todo o mundo, falta é tecnologia para ir para o espaço e nem todos os países têm essa possibilidade. Ir para o espaço também pode ser muito perigoso a nível de radiações. Ir para o espaço também não significa ter altas tecnologias, se formos para o espaço e descorarmos cá a terra é sinal de pouco siso.

Há muitas formas de irmos para o espaço, podemos ir para o espaço internamente. Nós fomos os pioneiros em colocar as pessoas a obter novas formas

de ovnilogia, começamos já a divulgar no nosso fórum diversas maneiras de irmos para o espaço, por exemplo a viagem astral conscientemente é um campo onde podemos ir ao planeta A, X ou Z, sem correremos riscos desnecessários e isso numa fracção de segundo. A recordação das experiências fora do corpo é a chave para nos livrarmos do jugo das credentes religiosas/económicas, nesse estado livrarmos da asfixia do governo B,W,Y.

Ir para o espaço para quê? Para tentar encontrar outras civilizações? Mas nós temos isso aqui mesmo ao nosso lado. Os ovnis são vistos a mergulhar nas águas em frente ao Guincho e em frente à Patagónia. Nos Andes há imensos locais onde eles aparecem. Em Uritorco, na Argentina, eles fazem carreiras regulares. Antes de irmos para o espaço devemos procurar contacto com aqueles que estão aqui perto de nós.

Em termos musicais, o que é que o Luís Aparício prefere? De alguma forma, pensa nos radiotelescópios espalhados, por exemplo, pela América, os quais emitem música clássica e grandes clássicos para os confins do universo?

Não conheço nenhum telescópio que emita música para o espaço, também não conheço tudo. Adoro a nossa música Portuguesa, a cana verde do Minho, o corridinho do Algarve, o fado da Marisa e o concerto dos seis órgãos de Mafra.

Em termos cinematográficos, o que é que recomendaria?

O cinema é ilusão, o melhor é pesquisarmos a meditação preconizada no canto VI do Bhagavad Gita, explorarmos a luz, o som, o cheiro e o sabor. É preciso livrarmo-nos das ilusões do mundo dos sentidos. Não quer dizer que eu seja tão ascético, mas estive aí um filme que eu gostaria de ter visto *Rumo à liberdade (The Way Back)* do realizador Peter Weir, baseado num livro que eu li há vários anos e que me marcou profundamente.

E em termos literários?

Devido à actividade que desenvolvo tenho que estar sempre atento à literatura que trata do fenómeno ovni, como por exemplo, os livros *Eremita* de Lobsang Rampa, *Sequestro* de John Mack, *A vida Secreta* de David Jacobs, *Os Transformadores da Consciência* da Gilda Moura.

Está familiarizado com o autor Erich Von Daniken e a sua obra? Se sim, quais é que são os seus pensamentos e

como é que apresentaria o autor àqueles que não o conheçam, mas que sejam curiosos por esta temática?

Este autor foi um percursor da nova era, fez muito dinheiro e fez na Suíça o *Jungfrau Park*, perto de Interlaken, um parque dos mistérios, muito bem feito e digno de ser visto.

Este autor falou de mistérios, seguiu outros autores como o Robert Charroux. Mas ninguém conseguiu fazer uma escola de mistérios tão importante como Lobsang Rampa.

Como interpreta as teorias que a vida terrestre surgiu por influência alienígena?

A teoria evolucionista está errada, há sempre desvios e doenças da matriz original. Se não houver uma constante monitorização da saúde dum grupo de pessoas, iremos sempre tornarmo-nos obsoletos. Por isso será sempre necessário o acompanhamento e influência alienígena no nosso processo evolutivo. Nós somos uma plantinhas que aqui fomos semeados pelos nossos jardineiros. Se nos portarmos mal, podemos ser mondados.

Como concilia religião e ciência, se é que o faz?

A palavra religião, significa re-ligar, estabelecer uma ponte entre o nosso estado tridimensional onde estamos agora e o estado de onde viemos e para onde iremos. A ciência como veículo de desenvolvimento tecnológico poderá ser apreendida no outro estado para onde iremos. Podemos ir ao outro lado e absorver conhecimentos científicos e transporta-los para cá. Edison o pai das lâmpadas, estava a trabalhar num assunto e colocava a sua bengala nas pernas, depois adormecia, quando a sua bengala ia a rolar, quase a cair, Edison acordava e tinha o seu problema resolvido. Ele tinha transportado informações do outro lado para este. Portanto a religião é a ciência e se aprendermos a viajar no astral conscientemente, a nossa ciência, desenvolve-se muito rapidamente.

O que acha que um alienígena pensaria da nossa forma de vida se nos visitasse?

Ao longo dos tempos temos tido um sem numero de diferentes tipos de seres de diferentes morfologias a visitarem-nos. Já houve ETs a pedirem-nos armas, ETs que traziam cães e vieram morder pessoas humanas. Por se viajar no espaço não quer dizer que tenham grandes desenvolvimentos tecnológicos. Poderiam ter desenvolvido primeiro a anti gravidade e serem seres da

"Já se começa a conjecturar em ovnilogia que há naves biológicas, outras teorias dizem que os ovnis, poderão ser sombras tridimensionais de naves quadrimensionais"



idade da pedra. Não nos podemos esquecer do livro do Daniken *Astronautas da Idade da Pedra*, poderiam ser mesmo astronautas pouco avançados. O caso do soldado brasileiro que entrou dentro dum ovni onde tudo era de pedra e pouco desenvolvido é uma boa pista.

Como interpreta o obscurantismo perpetuado pela religião face ao avanço científico?

Medo de perder as moedinhas na bandeja ao domingo. É tudo uma questão económica, mas dos dois lados, do lado religioso, mas também do lado científico, que se recusam a admitir o fenómeno ovni. Não esqueço aquilo que o ex ministro Mariano Gago disse na TV em 2007 "*os ovnis não existem*", nesse mesmo ano no mês de Dezembro o governo Japonês passou todo a falar de ovnis.

Um alienígena ensinar-nos-ia também questões filosóficas ou apenas científicas?

Isso é um dos pontos que decerto eles não querem, pela lei do Karma se uma pessoa desviar outra dum certo caminho tortuoso, quem a desviou irá arcar com esse caminho.

Não quer dizer que para o bem eles não nos venham cá ensinar, como aconteceu com os deuses dos Incas. Havia um deus que todos os dias voltava para os ensinar a cultivar e outros procedimentos agrícolas. À tarde metia-se na sua nave e voltava para casa.

-Qual é o sítio mais provável no Universo para se encontrar vida avançada e inteligente?

Nem sempre a vida é dominada por seres humanóides iguais a nós, outros planetas, poderão ser raça reinante as árvores, ou outro tipo de animais. Acredito que há vida no sistema solar até mesmo em Neptuno, onde os dois pontos quentes poderão ser uma indicação de embocaduras para o espaço oco quente.

Acredita que há vida alienígena hoje no nosso planeta?

O nosso planeta tem imensa vida, não só nós mas aqui por baixo de nós está cheio de seres. Os mares são outra zona onde podemos de imediato ter muitas bases permanentes.

Se os alienígenas de facto nos visitam, porque nunca se fizeram sentir a uma escala global?

Na China houve um ovni que passou a baixa altitude e foi visto por milhões de pessoas.



Seremos invadidos, colonizados, exterminados ou poderá haver uma co-existência pacífica com alienígenas?

Se continuarmos com estas guerras, podemos ser mesmo exterminados. É melhor nos lembrarmos das palavras do biólogo chefe do livro *Eremita*. Ele dizia que era melhor que nós fossemos exterminados conforme eles já o fizeram com outras civilizações aqui na terra.

Agradecemos-lhe, francamente, por termos contado com a sua disponibilidade e simpatia para esta iluminada entrevista! Antes de terminarmos, querará endereçar algumas palavras aos leitores, em jeito de injeção nas veias dos de mente aberta?

Todos os dias emanem amor para a Terra como forma de afastar as forças guerreiras que nos ostracizam do convívio com o universo. •

"Temos que ter sempre em mente que as testemunhas estão a lidar com assuntos que podem estar a empregar milhões de anos de avanço tecnológico"

A CAUSA EFICIENTE

Aires Ferreira

Como poderei dizer quem sou,
se não sei de onde venho.
Mas se venho, vou.
Porque nada pára,
independentemente do tamanho.
Interessa pouco o que são Quasares
a uma ovelha do rebanho.
Afinal, cabe ao pastor
ser o responsável-mor do engenho!

Somos nós, o topo?
Pensar de louco,
digo-te eu.
Pior do que promover arianos
quando se é neto de judeu.

Céus, terras, oceanos
e nós petulantes,
sabemos tão o para a frente
que nunca olhamos para o antes.
Reminiscência?

É a inteligência que nos deixa
distantes da condição de vírus
mas agora acredita mais em vidros,
coloridos, do que em papiros sofridos
nos pulsos de alguém.

*"Isso cabe tudo em meia dúzia de bytes!"
Bai-te foder.*

É burrice a mais para crer
que estes animais o deixem de ser.
Como compreender a origem
se a simples noção de tempo
lhes é a mais profunda vertigem?

*"Por 100 euros enumere as quatro for-
ças fundamentais."*

Animais!
Cromo Electro
Animais!
Flavor Geometro
Animais!
Tanta dinâmica

e eu a correr a teologia islâmica,
só numa de experimentar
mais um conto de encantar
para explicar que costelas saídas,
cheira a genéticas desmedidas.
Ãh? Tão primata, quando o cérebro
te falha, não é?

Mas manda a tradição, escrever
fino e claro.

E se vamos falar de criação,
mais raciocínio e menos faro,
que não somos animais.

Evolução ou Deuses Ancestrais?

Não contes a ninguém
mas cá para mim,
são iguais.

Alinhemos no desatino de em cinco
minutos,
esquecer o juízo e o tino
e como bêbados de vinho
avancemos no disparate
de uma raça mais avançada
que com arte nos alterou a gemada.
Tal a ramada que pronto;
faz de conta que José,
chegou a casa do sopé da montanha,
onda feita aranha sua esposa lhe
dissera:

_Oh Zé, oh Zé,
tu não sabes o que me aconteceu!

_Ai conta, mulher, que quem quer
ouvir sou eu!



_Pois, sou pura com tudo magnetizado,
mas foi um anjo que me apareceu,
e daqui a nove meses temos batizado!

_Granda puta, que vais já para o tribunal do mal-casado!

A minha mãe bem me tinha dito
que mulher sem burca
era caso mal parado.

_Que dizeis homem de deus!, que ele disse que trago no ventre,
o salvador, o filho do deus nosso senhor!

_Ah! Então está bem.

Mas faz as malas, que quero ir de burro a Jerusalém.

Foi ele que mandou, antes de ir em fumo
para dentro da luz que o elevou
em direcção a Orion. (esta parte estava riscada)

Oh meus caros amigos,
ides em cantigas.
O que diriam de nós os que já foram certos de profecias antigas?
*"Viemos da água, pronto!
Foi o sotôr doutor cenas que disse,
porque pensar, para mim, é ousadisse!"*

A (nossa) evolução é pior que cren-dice.

Mais um dedo na mão,
toca a escrever
e a desenvolver a razão?

É evidente que não, apenas.
Não só, não é só Xis ou Ípilon,
é equilíbrio à lá Ómicron.

A verdade é que somos macacos-
-de-imitação,
mais do que com quem vivemos os dias de repressão,
somos pelos pais e avós.
No fundo, somos fusão atrás de fusão,
até virar pós, feitos de pós mais pe-
quenos
e o que criamos, a ferramenta
para subir até ser só energia.

"Se não é geómetra, aqui não entra!"

Sabemos falar, mas não a lingua-
gem certa
que permita vermos para além de sermos
de mente finalmente aberta.
Bem sei, bem sei que são ermos
estes caminhos por onde vamos.
E só vamos, por aqui aqui estamos,
e se estamos, os nossos pais foderam.
E só foderam porque cresceram,
depois de pais os criarem (mal)
e assim por diante.

Neste aparente exercício fatal de ovo e galinha,
não há filósofo, cientista ou rezinha
que ajude:

A constante finitude imaginada do universo
só pode ser de povo em fase de evolução viral.

Perverso é o ser que criou tal raça doente!

Ou talvez demore sempre um bocado,
até chegarmos à causa eficiente. •



Uma Estória das Estrelas

Mosath



Von Daniken escreveu o livro *Chariots of the gods?*

Antes do Homem pisar a Lua. Em 1968.

E, ao contrário do que poderia ter sido, criou no seu livro uma voz de encorajamento, atenção e desenvoltura em torno do facto que então estava para acontecer. Apesar deste escritor ter sido criticado abundantemente pelos membros de entidades científicas, logrou muita admiração por parte dos seus leitores ávidos, curiosos e cépticos de clichés religiosos e moralistas. Esses leitores sublinhavam a meta do escritor, de que as histórias por detrás das religiões e das descobertas importantes não eram as mais felizes. Von Daniken, ao longo de dezenas de anos, procurou indícios afirmativos para a sua teoria de que a Terra foi visitada, em tempos muitos remotos, por alienígenas. É o pai da teoria ancestral do Espaço.

Copiando ou, em bom termo, seguindo Daniken, não pretendo conduzir este artigo para um lado absoluto, inoportuno ou confuso por respostas correctíssimas, apenas realçar as perguntas, possibilidades e indícios desta temática tão naturalmente imaginativa, que este seu famosíssimo livro aborda e, logicamente, trouxe.

Numa altura em que a NASA encerrou o seu programa espacial, no instante em que o último vaivém fazia a sua aterragem na Florida, este tema da Origem e Vida do Homem, em evolucionismo darwiniano ou mão de alienígenas, vem mesmo a calhar.

A origem do Homem. A existência de outros povos no Cosmos. Duas mesas de conversa e, ao contrário do que seria melhor de se fazer, começarei por pegar num pormenor sobre feitiçaria e magia ancestrais, pois acho que me ajudará a arranjar a perspectiva-guia que quero para este artigo, de modo a ir ao encontro, depois, das complexidades e dúvidas da vida terrestre do Homem e da busca deste pelos longínquos espaços do Espaço.

Spenger dissera antes de 1500: “*Deveríamos falar sobre a heresia das feiteiceiras, não da dos feiteiros [...] por um feiteiro, dez mil feiteiras*”.

“*A Natureza torna-as feiteiceiras*”. Pelo seu peculiar génio e temperamento, a mulher nasce uma criatura de “encantamento”. Todos os povos primitivos começaram de igual forma, senão observe-se: o homem caça e luta, a mulher idealiza e sonha. A mulher é, não obstante, a mãe da fantasia, dos deuses!

A magia sempre foi um lugar de inúmeras possibilidades. Um lugar para alcançar o impossível, para dar origem à conquista de novas artes. As feiteiceiras possuem registos importantes nos calendários da História, seja por seus conhecimentos ou achados, seja por seus benefícios ou malefícios. Abriram horizontes! Tiveram a ousadia e o atrevimento de chamar a si, de se dizerem donas, o desconhecido, o além.

Por toda esta imagem carregada, tenho a perspectiva de que a mulher é directamente responsável pelo sucesso nas leituras e descobertas, tal-qualmente, do Cosmos, porque a habilidade desta para imaginar, cativar e persuadir é elevada, logo será credível concedermos/pensarmos que, a haver alienígenas, outros povos fora do nosso Sistema Solar, as mulheres seriam as primeiras convidadas de honra de tais criaturas. Existem relatos de várias pessoas que asseguram ter tido experiências de abduções. Boa parte é homens e mulheres curiosos e activos. E uma mulher, penso, terá sempre ou sempre terá, sempre teve, um cérebro mais interessante e rico para estudar! Um cérebro de feiteiceira, polvilhado de encantamento, de receitas, de idealismos, de golpes.

Logicamente, que, aqui, não quero traçar um esboço deveras generalizado, de géneros. Se noutras matérias, as características variam e são próprias de uma pessoa e não de uma outra, não necessariamente pelo seu género, aqui, juntamente com a analogia e referência às noções passadas de magia, esta generalização seca terá o seu direito, já que são espaços de estudo historicamente generalizados, de preto e/no branco.

Alguns autores parecem cogitar que tudo fora descoberto pelos doutores, esses de dogmas e roupas deploravelmente habituais de um processo académico, mas será então que esses autores acharão que aqueles que caminharam livres pela terra e destas cadeias, as feiteiceiras e bruxas, não encontraram nada? Espero que não. À clarividência!

Regressando ao livro *Chariots of the gods?*, o autor sublinha que por todo o mundo existem ruínas fantásticas e objectos improváveis, os quais não podem ser explicados através de teorias convencionais da História, da arqueologia ou das religiões. Por exemplo, arranca o autor, por que é que os livros sagrados do mundo descrevem deuses que des-

“E uma mulher, penso, terá sempre ou sempre terá, sempre teve, um cérebro mais interessante e rico para estudar”

cem do céu em ardentes carruagens e prometem sempre regressar?

Leigos irão apartar-se do seu mundo familiar para dentro de uma casca de caracol perante a probabilidade de que encontrar coisas sobre o nosso passado será ainda mais misterioso e aventureiro do que encontrar sobre o nosso futuro. É, sem dúvida, uma coisa verdadeira: há qualquer coisa de inconsciente sobre o nosso passado, aquele que se encontra milhares de milhões de anos para trás. O passado abundado de deuses desconhecidos que visitaram a terra primordial em naves espaciais tripuladas. Porque é que descobrimos baterias eléctricas de muitos milhares de anos? Descobrimos estranhos seres em fatos espaciais perfeitos. Descobrimos números de quinze dígitos – coisa não registada por nenhum computador. Daniken dá-nos tudo isto, em escrita corrida...

Há qualquer coisa de inconsciente com a religião. Um aspecto comum a todas as religiões é a promessa de ajuda e salvação à humanidade. Os deuses primitivos também deram tais promessas, logo por que razão é que eles não as mantiveram? Por que razão é que eles usam armas ultra-modernas em pessoas primitivas? E por que razão planearam destruí-los?

Deuses e padres, reis e heróis emergiram de negras fendas. Devemos desafiá-los a entregar os seus segredos, pois temos os meios para descobrir tudo sobre o nosso passado, sem deixar quaisquer lacunas, se for realmente o que desejamos.

Daniken quase deve sorrir!

Ele encoraja a que os laboratórios modernos agarrem com as duas mãos o trabalho de investigação arqueológica, a que os arqueólogos visitem os sítios devastados do passado com aparato de avaliação ultra-sensível e, também, a que os padres, os que perseguem a verdade, recomecem a questionar tudo aquilo que está estabelecido.

Eu, aqui, sorrio! Não sei se existem padres assim.



Daniken afirma que os nossos antepassados foram visitados por outros do universo no passado remoto, apesar de não saber ainda quem foram essas inteligências extraterrestres ou de que planeta vieram. Ele, não obstante, proclamou que esses “estranhos” aniquilaram parte da humanidade daquele tempo, produzindo um novo, quicá o primeiro, *Homo sapiens*.

Avançando mais um bocado, terãr as religiões do mundo nascido dos relatos e avistamentos primitivos de alienígenas? Serão os “tão conhecidos” deuses do mundo, todos, criaturas de outros mundos cósmicos? Há a possibilidade dos escritos sagrados serem conhecimento e sabedoria extraterrestre adaptada pelo olhar do homem primitivo e privilegiado por tais visitas?

Há... diz Daniken.

Daniken pergunta no seu livro se será concebível, enquanto cidadãos do século XX, não sermos os únicos seres vivos do nosso tipo no Cosmos? Isto toca na resposta de “o nosso planeta é o único com seres humanos” e a mesma permanece legítima e convincente, porém a floresta de questões adensa-se e adensa-se à medida que vamos estudando cautelosamente os factos que resultam das mais recentes descobertas e dos trabalhos de investigação. Numa noite clara, a olho nu, pode ver-se cerca de 4500 estrelas, segundo o que dizem os astrónomos. Mesmo um telescópio de um pequeno observatório torna vi-

sível perto de duas milhões de estrelas e um telescópio moderno traz a luz de milhares de milhões de estrelas a quem observa – manchas de luz na Via Láctea.

O astrónomo Harlow Shapley pergunta: “*quantos corpos celestes, neste verdadeiro molde “astronómico” possuem uma atmosfera adequada à vida? Um em mil?*” E tudo numa amostra de 10^{11} corpos, mesmo que nós assumamos que o referido acima seja tal qual, existirá ainda 100 milhões de planetas em que podemos especular sobre a existência de vida.

“Trata-se de um erro acreditar que a vida não pode existir sem água nem oxigénio”

De seguida, o livro apresenta-nos a hipótese do bioquímico Dr. S. Miller, na qual a vida e as essenciais condições a esta se tenham desenvolvido mais rapidamente noutros planetas do que na Terra. Se aceitarmos esta suposição, então civilizações mais avançadas do que a nossa podiam ter-se desenvolvido em 100.000 planetas. Daniken escreve que, se não contabilizarmos galáxias desconhecidas nem figuras utópicas, poderíamos desconfiar que há 18.000 planetas

muito parecidos, com condições similares, para a existência de vida como no nosso. Não há nenhuma dúvida acerca da existência de planetas similares à Terra – com uma equiparável mistura de gases atmosféricos, gravidade, flora e, possivelmente, fauna –, mas será mesmo primordial que, para que os planetas suportarem vida, precisem ter as condições que a Terra têm? Trata-se de um erro acreditar que a vida não pode existir sem água nem oxigénio. É um erro, porque mesmo no nosso planeta há formas de vida que não precisam de oxigénio, que se chamam bactérias *anaeróbias*, portanto uma pequena porção de oxigénio actuará nelas como um veneno. E, aqui, o escritor pergunta: por que razão é que não poderá existir formas superiores de vida que também não precisem de oxigénio?

Prosseguindo nesta perspectiva, a suposição de que a vida somente poderá existir e desenvolver-se num planeta como a Terra é insustentável. Estima-se que vivem na Terra dois milhões de espécies diferentes. Numa outra estimativa, 1,2 milhões são “conhecidas” cientificamente, logo ficam ainda alguns milhares que não deverão conseguir viver de acordo com as mais correntes opiniões. Daniken avança num exemplo: alguém pode pensar que a água altamente radioactiva será livre de germes, mas há na verdade alguns tipos de bactéria que podem adaptar-se às águas letais que rodeiam os reactores nucleares. Por isto, o cientista Dr. Siegel



recreou as condições atmosféricas de Júpiter no seu laboratório e gerou bactérias nessa atmosfera. Amoníaco, metano e hidrogénio não as mataram. E, ainda, as experiências de Hinton e Blum, entomologistas da Universidade de Bristol, que colocaram uma espécie de melgas, durante muitas horas, à temperatura de 100° C. Logo que imergiram as suas cabaiaas em hélio líquido, o qual é frio como o Espaço, esperaram por algum tempo, o suficiente para ficarem altamente irradiadas, e voltaram a colocar as melgas nas normais condições de habitat. Os insectos continuaram as suas vitais funções biológicas e produziram melgas perfeitamente “saudáveis”. Estas provas somam ainda mais perguntas à floresta de dúvidas, não esquecendo da existência de bactérias que vivem nos vulcões, de bactérias que comem pedra e de algumas que produzem ferro.

Na leitura inicial do livro *Chariots of the Gods?* deparamo-nos com uma pertinente chamada de atenção. Se o nosso método de pensamento funcionasse em lado oposto, então significaria que inteligências de outros planetas tomaram garantidamente as suas condições de vida como o critério formal. Ou seja, se vivessem à temperatura de 150-200° C podiam pensar que essas temperaturas, as quais são mortíferas para a vida tal qual a conhecemos, é que são essenciais para a vida nos planetas.

Uma das noções que mais aprecio é a de que temos que ter presente o não sermos as únicas e, certamente, as mais velhas inteligências no Cosmos, numa aceitação das possibilidades do passado infinito em acontecimentos marcantes.

É de comum entendimento que os meteoritos trazem sinais de matéria orgânica, o que representa bactérias com milhões de anos que acordam para uma nova vida, aquando da sua visualização sob os nosso microscópios, e, isto acontece, porque esporos flutuantes, impelidos pela luz de um sol, atravessam o universo e, em algum momento, hão-de ser capturados pelo campo gravitacional de um planeta.

Realçar: parangonas da criação?

Demorámos 400.000 anos para alcançar o nosso estado e a nossa estatura presentes. Quem, assim, poderá produzir provas concretas que demonstrem o porquê de um outro planeta não ter conseguido providenciar condições ainda mais favoráveis para o desenvolvimento de outras ou semelhantes inteligências? Daniken pergunta: há por aí algum motivo de que nós não tenhamos

“rivais”, parecidos ou superiores, num outro planeta? Estamos inclinados para descartar esta possibilidade?

Centenas e centenas de gerações pensaram que a Terra seria plana. A teoria de que o sol girava à volta da Terra aguentou-se por milhares de anos. E, nesta linha figurativa, há que escrever que chegou o tempo para nós admitirmos a nossa insignificância ao realizar descobertas no Cosmos infinitamente inexplorado. Aí, prontamente, aperceber-nos-emos de que não somos mais do que formigas no vasto Estado do universo. Em suma, há que ser forte e ousado o suficiente para investigarmos o nosso passado, com honestidade e imparcialidade, até ao capítulo de termos aprendido alguma coisa de superior valor.

Vamos contar uma estória.

Das melhores passagens do livro, temos aquela em que se imagina uma odisseia espacial, na qual se descreve o que podia acontecer na jornada de uma nave espacial. Uma parte do livro que achei ser relevante, ousada e bastante curiosa.

Vamos focar-nos no facto de que a nossa nave deixa o nosso planeta em direcção a um sol distante e desconhecido por centenas de anos. A nave espacial seria tão grande quanto um transatlântico dos dias de hoje e teria um peso de lançamento equivalente a 100.000 toneladas com um máximo de combustível de 99.800 toneladas...

Daniken escreve isto, mas pergunta de seguida: impossível? Os abastecimentos de combustível são transformados em radiação electromag-

“Centenas e centenas de gerações pensaram que a Terra seria plana. A teoria de que o sol girava à volta da Terra aguentou-se por milhares de anos”





nética e ejectados como um *kit* aglomerado de propulsão com a velocidade da luz. Teoricamente, uma nave espacial equipada com propulsão de fótons pode atingir 99% da velocidade da luz. Resta escrever, a esta velocidade não há fronteiras no nosso sistema solar que nos aguentem!

Vamos iniciar a jornada na nave espacial que Daniken nos empresta. O nosso objectivo é uma estrela distante. Certamente, seria maravilhoso tentar imaginar o que a tripulação faria para matar tempo na sua jornada. O tempo a bordo de uma nave espacial em viagem, a uma velocidade um pouco abaixo da velocidade da luz, na verdade, passa mais devagar do que na terra. Aguenta-se bem aqui, ainda, a teoria de Einstein.

Eis que, a uma dada altura, a tripulação atinge o seu alvo. Naturalmente, escolhem um ponto de aterragem que possua as condições mais parecidas às da nossa Terra. Assumamos, agora, que este é um planeta em muito, mesmo muito, similar ao nosso. Mais do que isto, assumamos que a sua civilização se encontra no mesmo estado de desenvolvimento em que a Terra se encontrava

há 8.000 anos atrás. A tripulação apercebe-se disso, através de equipamentos de bordo e da matéria sólida e orgânica recolhida na zona de aterragem. Os nossos viajantes do espaço vêem seres a fazer ferramentas de pedra; vêem-nos a caçar e num jogo mortal com lanças; ovelhas e cabras pastam; oleiros primitivos fazem utensílios domésticos.

O curioso: o que é que os seres primitivos deste planeta visitado estão a pensar sobre a monstruosidade que lá acaba de aterrar e das figuras que saíram? Não se pode esquecer que também nós, há 8.000 anos atrás, éramos semi-selvagens, logo não é de todo surpreendente que semi-selvagens enterrem os seus rostos no chão e não se atrevam a erguer os seus olhos, quando se depa-ram com uma experiência destas. Até este dia, eles idolatraram o sol e a lua, mas agora algo novo que abanou a terra surgiu-lhes: os deuses desceram do paraíso!

Os habitantes deste planeta observam, a partir de um local escondido, os nossos viajantes do espaço, os quais envergam estranhos chapéus com ponteiros (capacetes com antenas). Estão conquistados pela noite que se tornou mais clara do que o dia (*"searchlights"*). Ficam aterrorizados pelas movimentações dos veículos terrestres que saem da nave, pelos sons das máquinas e afins e, por fim, fogem para as suas cavernas seguras, no momento em que uma forte explosão se dá e propaga-se pelas montanhas (uma explosão de ensaio).

A nota: os nossos astronautas devem ser como deuses todo-poderosos para este povo primitivo!

Dia após dia, os viajantes do espaço levam avanti o seu trabalho de terreno e, provavelmente, depois de algum tempo, um grupo de padres ou curandeiros irá aproximar-se dos astronautas, já que

os seus instintos primitivos lhes dizem que é a melhor forma de fazer contacto com os "deuses" e, humildemente, levam diante deles presentes. Munidos de tecnologia, os nossos astronautas arranjam forma de responder positivamente à cortesia, em língua própria. Todavia, mesmo dominando a língua do povo para explicarem que não se trata de deuses que desceram à terra, que nenhuns seres superiores merecedores da sua adoração resolveram fazer uma visita, isso não surtirá efeito. E porquê? Os viajantes do espaço vieram das estrelas até ali, por isso têm que gozar de um tremendo poder, assim como a habilidade para praticar milagres. São deuses, têm que ser!

No que respeita a consequências directas da visita a este planeta, o mais inteligente entre os habitantes é eleito "rei" e, como sinal visível do seu poder/posto, é-lhe dado um equipamento de rádio, através do qual ele poderá manter contacto e endereço com os "deuses". Os nossos astronautas tentam ensinar os nativos as mais simples formas de civilização, bem como alguns conceitos morais, a fim de tornar possível o desenvolvimento de um código social. Algumas mulheres, especialmente seleccionadas, são fertilizadas pelos astronautas, disto resultando uma nova raça que saltará um nível na evolução natural. Antes dos astronautas começarem o voo de regresso, sabem o quão foi longo o nosso próprio desenvolvimento e o mesmo se passará com este povo primitivo até se tornarem uma raça de especialistas do espaço, portanto deixam-lhes claros e visíveis sinais, os quais serão entendidos muito mais tarde por uma sociedade altamente baseada em matemáticas e tecnologias.

À medida que a nossa nave espacial vai desaparecendo nas névoas do universo, os nossos amigos falarão acerca do milagre: *"os deuses estiveram aqui!"*. Irão traduzir aquilo em sua linguagem simples, tornando-o uma saga para ser passada aos seus filhos e às suas filhas e, não obstante, irão elevar todos os presentes e objectos deixados pelos viajantes do espaço à qualidade de relíquias sagradas. Se os nossos amigos conseguirem vir a dominar a escrita, irão possivelmente criar registo de tudo o que aconteceu, entre adjectivos para todos os gostos, todas as alegorias e todo o burlesco. Nesse caso, os seus textos e desenhos mostrarão que os "deuses" em vestes douradas estiveram lá num barco voador que aterrou com um estrondo extraordinário. Escreverão sobre as carruagens que os "deuses" conduziram pela terra e pelo mar, sobre as armas aterrorizadoras parecidas com relâm-

"Até este dia, eles idolatraram o sol e a lua, mas agora algo novo que abanou a terra surgiu-lhes: os deuses desceram do paraíso!"



pagos e, seguramente, deixarão escrito a promessa de regresso dos “deuses”. Com um martelo e um cinzel vão criar gravuras nas pedras, as quais representarão tudo o que eles viram: gigantes sem forma, com capacetes e ponteiros na cabeça, carregando caixas nos seus peitos; bolas, nas quais seres indefiníveis se sentam e deslocam pelo ar; estranhas formas, insectos gigantes que mudam de forma e aspecto. Para terminar esta pequena – grande – estória, no local onde a nave espacial aterrara, os habitantes do planeta irão construir templos, pirâmides e outras homenagens, para assim os feitos heróicos dos “deuses” possam ser agradecidos. A tribo crescerá, haverá guerras que devastarão o local dos “deuses” e, no futuro, virá alguma geração que redescobrirá e escavará estes locais sagrados, tentando, de algum modo, fazer a interpretação dos sinais.

Por esta via, pode apreciar-se o fantástico e, até, inominável impacto que a chegada de uma nave espacial incitou nos tempos pré-históricos. Estas imaginações foram nossas, igualmente, quando fomos visitados pelos “deuses” e, portanto, tivemos todo o prazer e gosto em fazer gravuras do que vimos e daquilo que nos foi oferecido, nas tábuas do nosso passado. O livro de Daniken debruça-se na caminhada para vermos que traços, afinal, são estes...

Daniken não enrijece dados de que o

Homem nasceu sob criação extraterrestre, o ideal do seu livro não é esse, mas transmite-nos as evidências historico-arqueológicas de estranhos visitantes que ofereceram conhecimento, imaginação e motivação aos homens e às mulheres e isto deve contar para algum progresso no debate; não se trata se bom ou mau, mas progresso, quer parecer-me.

Com isto, peremptoriamente, não afirmo rever-me em todas as palavras do escritor, não afirmo que determinado planeta terá vida ou que determinadas evidências sem explicação são alienígenas, mas deixo espaço de manobra para sermos cépticos, uns cépticos que questionam as coisas para descobrir como estas são, abrir a mente às possibilidades e, assim, também eu, contribuir para dar mais um passo em direcção às respostas que queremos e/ou que cada um de nós quer! Este é um lugar para especular, para não ter certezas, mas para colocar o pensamento em lume forte e, se cada um de nós parar dez minutos para pensar nestas palavras e nesta estória e, por que não, nas razões das Origens, o saldo será positivo. Como sempre... Eu acredito na evolução das espécies, na conquista do Homem pelo poder e pela sua glória naturais, no entanto, deixo uma janela aberta para a possibilidade de que alguma matéria espacial ou, inclusive, alguma visita extraterrestre tenha auxiliado a desenvoltura e riqueza do planeta Terra. Vários são os meteoritos que caem no planeta e estes trazem sempre alguma “oferenda”.

Daniken dá exemplos de ouro no seu livro.

De que forma é que os antigos egípcios conseguiram levantar a Grande Pirâmide, a não ser com algum auxílio alienígena? O peso daquelas pedras, o pouco tempo de trabalho... necessitariam de conhecimento e ajuda superiores. Num templo Maia, há um desenho que representa o líder rodeado de engenhos e botões, como que o interior de uma nave, a accionar a descolagem, pela existência de gases e chama em propulsão. Como é que a imaginação primitiva poderia, sozinha, produzir algo tão similar a um moderno astronauta no seu foguetão?

Comparem-se fotografias dos locais de lançamento espaciais americanos com as construções nos planaltos de Nazca no Peru e, com antecipada mente aberta, maravilhem-se com as possibilidades, semelhanças e fins.

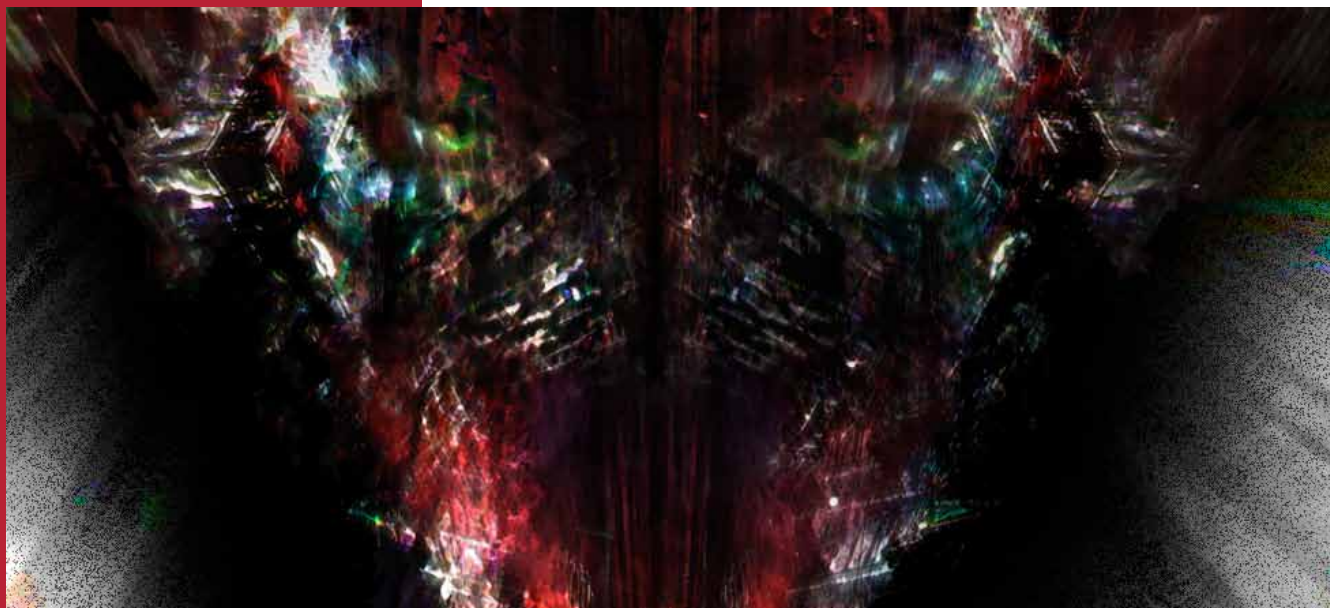
Leiam mais exemplos, no livro de Daniken, um grande clássico da teoria ancestral do Espaço.

Chariots of the gods?, carruagens dos deuses, palavras nossas. O escritor diz que não pede a ninguém para que acreditem nas suas hipóteses, logo que melhor maneira de terminar isto, senão a pedir para não acreditarem em nada do que para vós não é comprovado, observado, experienciado. Esta é a mais livre forma de vida. •



Belzebu e São Francisco de Assis

David



Bem pode dizer-se aqui e além:
Viva, alvissaras Belzebu,
Mas só eu sei, mais ninguém,
Quantas tetas tens tu.

Tens quatro, querida vaca,
Mas dessas, quanto leite me dá?
Uma delas é fraca,
Outra abana ao deus dará!

Sobram somente duas;
Tantas como as da cabra,
Que, ó vaca, ao invés das tuas,
Não há quem as endiabre!

Oh Vaca, da cabra és o dobro
Mas, triste sorte!, metade leitosa.
Vais é para a mesa com molho,
A cabra, essa, continua ali mimosa.

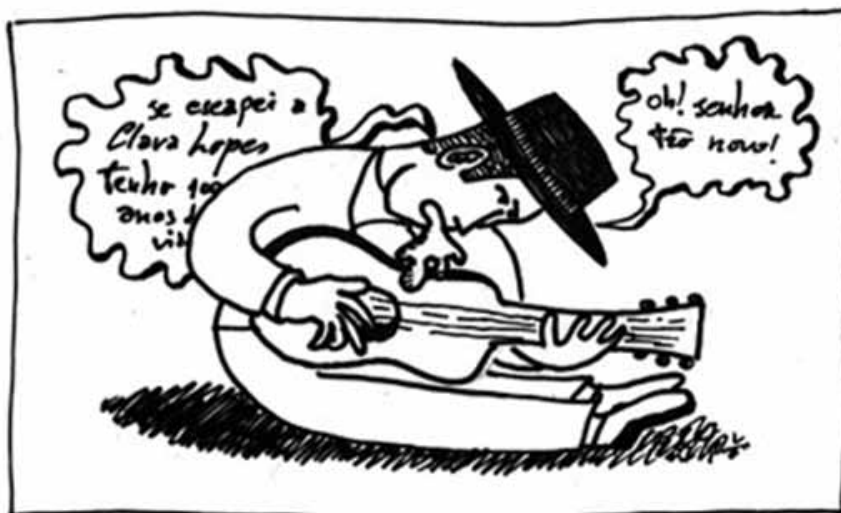
Querida vaca, Belzebu te chamei,
Porque o Diabo assim o quis,
Mas a cabra, a quem tanto leite tirei,
Por deus, hei-de chamar São Francisco
de Assis!

Música n.º 1 - O Diabo

Compus a primeira parte deste tema há muitos anos mas nunca tinha gravado nem escrito uma letra adequada. A oportunidade apareceu no ano passado quando fui convidado para colocar uma canção numa compilação chamada, precisamente, *The Devil*. E assim foi! O tema é dividido em três partes; a

primeira é a apresentação do personagem, depois vem um episódio de venda da alma ao diabo e, por fim, um desfecho onde se diz que tudo isto são fantasias que se perdem na noite dos tempos. Sobre isto não tenho muito mais a dizer! •

Prolepse - O Diabo (2009)





Raízes

José Macedo Silva



Origem, o significado para este substantivo feminino, de um ponto de vista amplo é: princípio, causa, naturalidade, facto ou pessoa de que provém outro facto ou outra pessoa, tronco de descendência ou procedência, ponto de partida, base, e por último, segundo a astronomia o ponto de que principiam a contar-se as ascensões rectas e as longitudes, tendo em conta o dicionário português.

Importa pois referir qual destes itens interessa mais para a análise do tema central da *Infernus* (A Origem do Homem). Fácil concluir-se que o item disposto em quinto lugar (tronco de descendência ou procedência) será o mais para aqui referido, muito embora todos os outros, e este inclusive, se interliguem (uns mais, outros menos, é certo), mas aí está, a descendência do Homem moderno, o ser humano como o conhecemos hoje em dia e que vive por debaixo deste maior órgão (a pele). Este ser fascinante que controla o planeta Terra sem ímpar na natureza desde há pelo menos 100 000 anos.

Começemos por estudar a força da palavra Homem, o seu significado, e porquê o gosto muito pessoal pelo significado das coisas? Porque, para falarmos sobre isto ou aquilo, primeiro há que compreendê-lo; para se falar de amor ou ódio, temos antes demais que perceber o que é o “Amor” e o que se percebe do “Ódio”, e mais, para vivermos o amor, e sentirmos a sua força tomar o nosso ser, tivemos de experimentar o ódio no passado, e vice-versa, assim, falar do Homem exige inicialmente que tomemos a noção da palavra; pois, então, Homem para a Zoologia é um mamífero primata, bípede, com capacidade de fala, e que constitui o género humano, num sentido figurado a Humanidade, o próprio género humano enquanto *ser colectivo*, subordinado às mesmas características físicas, à mesma fisionomia, por vezes a traços psicológicos, senão iguais, pelo menos muito idênticos.

Analizado o significado das palavras Origem e Homem, e incluindo-as na mesma frase teremos a *Origem do Homem*.

É complicado falar sobre as nossas origens, actualmente, e à luz da nossa capacidade científica não nos será possível muito mais que especular, mas especular também é estudar, e julgo que neste interessante número da revista *Infernus* não se pretende encontrar uma explicação para as origens da humanidade, mas antes demais

apontar as diversas teses lançadas em cima da mesa, e outros devaneios pessoais - onde todos nós, uns mais outros menos, nos sentimos como peixes na água.

Existe uma espécie de homens e mulheres, que adoptando uma determinada vertente filosófica (agnosticismo), fazem como diz o nosso povo: “*lavam as mãos como Pilatos*”, imiscuindo-se praticamente da especulação à volta do tema, relegando-o para segundo plano no seu meio de estudo. O agnosticismo é uma doutrina antimetafísica que considera ser impossível ao entendimento humano apreender a essência do real, e vão mais longe quando afirmam que, os problemas metafísicos de natureza, origem e fim dos seres tocam o inconcebível, não tendo o espírito humano nenhum meio de os resolver. O mais célebre discípulo de Auguste Comte (positivista e agnóstico), o erudito Littré, exprimiu o agnosticismo da seguinte forma: “*O que está para além dos factos e das leis, seja materialmente, como o fundo do espaço sem limite, seja intelectualmente, o encadeamento das causas sem limite, é absolutamente inacessível ao espírito humano...*”, bem, a isto respondo da seguinte forma: se pegarmos num copo e o mergulharmos no rio, o que nos trará (?), provavelmente água apenas, e nada mais, ou seja, o rio não tem peixes..., errado, não temos os meios capazes que nos permita, hoje, buscar as nossas origens de uma forma pragmática, detalhada e baseada em provas materiais. Assim, verguemo-nos à especulação, tiremos o chapéu à sua passagem, e quem sabe, não estaremos nós, especulando, acertando ao mesmo tempo, como o indivíduo que sem prever o futuro acertou nos números da lotaria.

Para H. Spencer (1820-1903), filósofo inglês, a *evolução* é o tema central do seu sistema filosófico baseado no *evolucionismo*, doutrina que afirma “*nada ser imóvel e que uma gradação continua religa as diversas formas do ser*” (H. Spencer). Foi Spencer quem tentou

estabelecer que todos os fenómenos são convertíveis entre eles, desde a passividade dos corpos brutos às manifestações mais altas da Psicologia. A evolução consiste na passagem do homogéneo ao heterogéneo, do simples ao complexo, por diferenciações e integrações sucessivas, segundo uma norma rítmica necessária e de que ele encontra, por toda a parte, confirmação. Aqui temos a ideia base de Herbert Spencer e do seu evolucionismo, em que: “*Todo o conhecimento se explica pela evolução e esta, aplicando-se à metafísica e à religião, permite-nos provar a existência do incognoscível*”. (H. Spencer).

Deste modo as portas ficaram-nos abertas, e todo o mundo, e tudo nele, não mais foi que uma bola nas mãos de uma criança curiosa, capaz de afrontar-se a si mesma e aos deuses, decodificando, decifrando e lendo a marca gordurosa das suas impressões digitais, retirando a omnisciência e a onnipotência de que os deuses gozaram outrora.

Numa busca pela origem do Homem, o mesmo descobriu e fundou uma ciência aplicada ao seu estudo, a Antropogénese.

A Antropogénese refere-se ao surgimento e evolução da humanidade, é versada na geração e reprodução humanas, e do ponto de vista antropológico dedica-se ao estudo da origem e do desenvolvimento da espécie humana.

O Homem, ser curioso por natureza, tentou primeiro explicar a sua génese através dos mitos, muito antes de o fazer com um olho clínico. Na mitologia grega, Epitemeu criou os homens a partir do barro, imperfeitos e sem vida; o seu irmão, Prometeu, por compaixão para com a raça humana, roubou o fogo a Vulcano e deu-o aos homens para que estes tivessem vida. Zeus, o “rei” dos deuses, afrontado pela atitude de Prometeu, condenou-o a ficar acorrentado no Cáucaso, onde sofreria os horrores de uma vida su-

“Numa busca pela origem do Homem, o mesmo descobriu e fundou uma ciência aplicada ao seu estudo, a Antropogénese.”



***“não me interessa
tanto a origem do
Homem, o seu pas-
sado genético, a sua
ancestralidade cos-
mológica, mas acima
de tudo o seu futuro”***

plantada pelo sofrimento, por bicadas de água no fígado.

Na bíblia, o livro do Génesis narra a criação do homem a partir do barro. Adão - *homo primum* - prova a sabedoria, peca, e é expulso do Paraíso, dando início à sua vida terrena, e de toda a humanidade.

Na cabala, tradição judaica, a criação do mundo e do Homem deu-se por emanções (Sephiroth, em número de dez) de um princípio chamado *Ain Soph*.

Na Teosofia, filosofia esotérica fundada por Helena Blavatsky (1831-1891), escritora, filósofa e teóloga russa, é rejeitada a teoria evolucionista de Darwin, ou seja, a descendência humana dos primatas a favor da humanidade poligenética e astral; com profundas raízes na filosofia oriental, nomeadamente no budismo e no hinduísmo,

a origem e evolução do homem está descrita em pergaminhos chamados de Estâncias de Dzian, onde não negando claramente a teoria da evolução, não acredita que uma *“força cega e sem objectivo (evolução da matéria) possa ter criado o Homem”* - Blavatski dixit.

Para a ciência moderna, a teoria da evolução, e o Darwinismo (sistema filosófico destinado a explicar a formação das espécies pelas teorias evolucionistas que Charles Darwin (1809-1882), naturalista britânico, pôs em evidência) são o mais aceitável neste momento, na qual o ser humano tem um ancestral comum com os primatas superiores, tendo-se adaptado a hábitos terrestres por bipedismo e desenvolvendo um cérebro mais complexo. Para os cientistas, a separação entre os ancestrais dos humanos e dos chimpanzés terá ocorrido há cerca de 5 milhões de anos; pese embora não confundamos o Darwinismo com os detalhes da evolução biológica. Um processo darwinista requer, além da própria evolução material, as condições seguintes: reprodução, hereditariedade, variação e selecção natural.

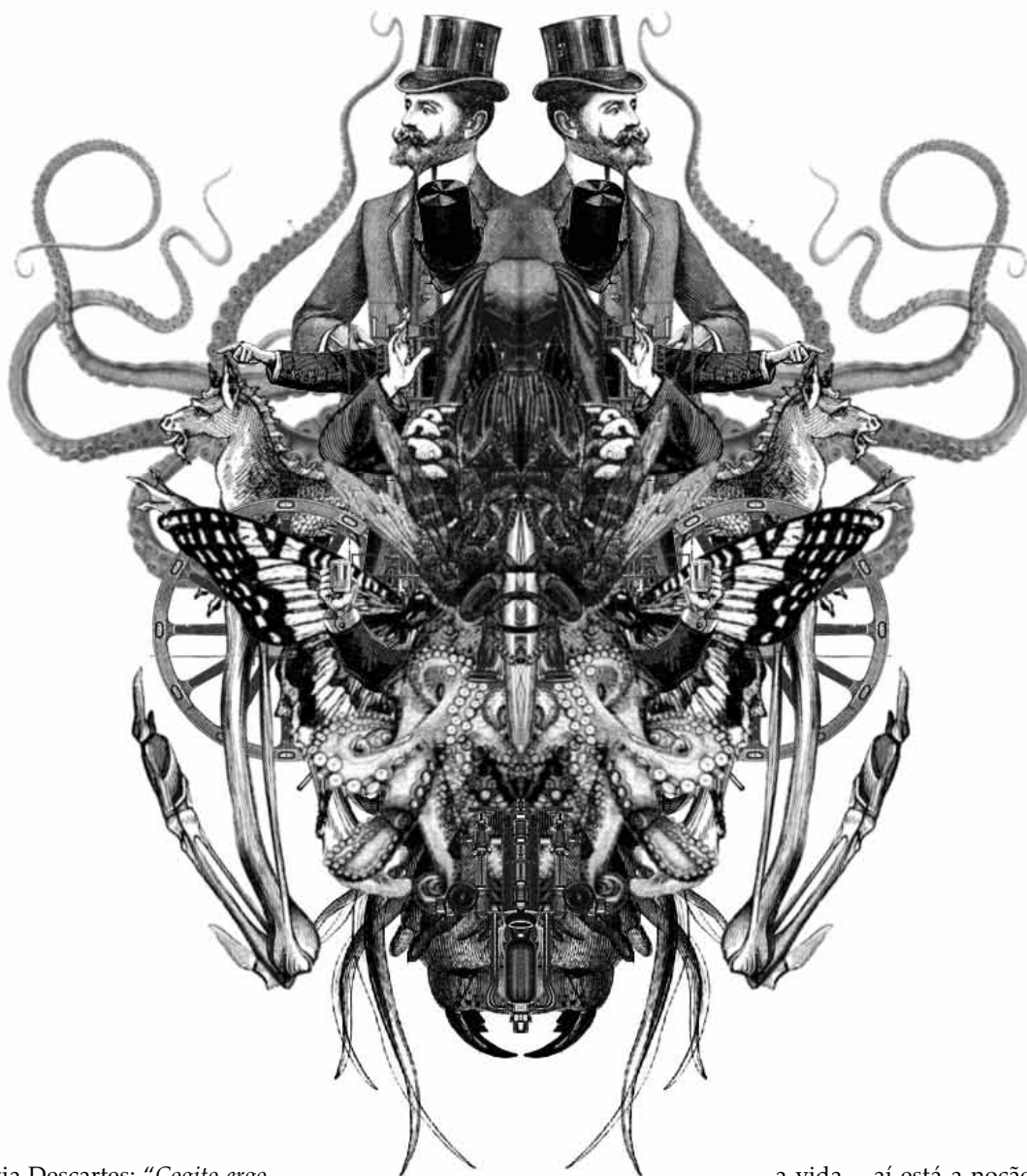
Curioso, também, os estudos paleontólogos. Podemos observar e confirmar que, a idade da Terra, contrariamente ao que defendia Buffon, não é de 75.000, mas de 4.500 milhões de anos, isto no mínimo. A antiguidade do Homem é, segundo a paleontologia, de uns 600.000 anos coincidindo o seu começo com o início do período geológico quaternário. Recentemente, alguns paleontólogos apostam na hipótese de que a antiguidade da espécie humana situar-se-ia em mais de 200

milhões de anos. Assim sendo, pode-se observar que até entre os paleontólogos a idade exacta da humanidade está centrada na dúvida, na incerteza, não sendo portanto um tema cordial entre a classe estudiosa dos fósseis.

Existe ainda a teoria excêntrica - dito no bom sentido - dos Astronautas Alienígenas, “teoria dos deuses astronautas”: uma raça de extraterrestres inteligentes que teria visitado e colonizado a Terra num passado remoto, transformando um hominídeo primitivo, como o *Homo erectus*, no actual *Homo sapiens* (NÓS). Um dos argumentos em que se apoia essa ideia é a improbabilidade de surgimento do *Homo sapiens* de maneira súbita, um processo que fere os princípios do darwinismo ortodoxo; além disso, nos mitos encontrados nas culturas das mais antigas civilizações, existem descrições de eventos protagonizados por “*deuses semelhantes a homens*”, que aparecem vindos do céu e criam a raça humana “*à sua própria imagem e semelhança*”. O homem contemporâneo, em tudo lembra um ser híbrido, uma combinação genética de material extraterrestre com a herança do *Homo erectus*. Fonte: Livro *Os Deuses Astronautas* de Erich von Daniken.

Para mim, “kerouaquinano” de raízes satanistas, e existencialista de génese, embora respeite, não me interessa tanto a origem do Homem, o seu passado genético, a sua ancestralidade cosmológica, mas acima de tudo o seu futuro, não tanto de onde viemos, mas para onde vamos, não tanto como vivemos, mas como viveremos, satisfaço-me, e perdoem-me a insolên-





cia, como dizia Descartes: “*Cogito ergo sum*”, penso, logo existo, mas o porque existo é-me indiferente, preocupando-me com o ser e a sua relação com o tempo, tal como Heidegger (1889-1976), filósofo alemão.

Acredito pois, que, o verdadeiro Homem, afastado dos problemas e dú-



***“o Homem existe,
não foi pensado como
qualquer objecto fab-
ricado, que, antes de o
ser, esteve na mente do
artista ou do artífice”***



vidas da sua “naturalidade”, é fruto de uma existência pessoal, sintetizada na escolha livre do seu destino, e a sua mesma existência precede a essência, ele, o Homem existe, não foi pensado como qualquer objecto fabricado, que, antes de o ser, esteve na mente do artista ou do artífice, com o Homem, tal não aconteceu, ele não foi pensado por Deus ou deuses, e como Sartre (1905-1980), filósofo, escritor e crítico francês dizia: “*O homem está condenado a ser livre*”. Condenado porque não se criou a ele próprio - deve-o aos seus pais -, e como, no entanto é livre, uma vez posto no mundo é responsável por todos os seus actos. Eu acrescentaria que, além de condenado a ser livre, o Homem está irremediavelmente licenciado para, e na felicidade, rolando a sua vida num gosto pessoal, (re)encontrando-se na estrada fora de *kerouac*, estrada, aqui, uma metáfora para

a vida, - aí está a noção de “origem”, tendo nas palavras condenado, livre e felicidade a estrutura do passado, do presente e do futuro da humanidade.

Como vemos, fazendo uma síntese de todo o exposto, o nascimento da humanidade e a conquista do seu estado actual de evolução e inteligência continua a constituir um grande enigma sem solução. Hoje em dia, tendo em conta as nossas limitações científicas, e quanto a mim, apenas se nos apraz estudar a Origem do Homem sob o ponto de vista fenomenológico, ou seja, através de objectos ideais existentes na mente, a dados absolutos apreendidos em intuição pura, vindos do sujeito, e do mesmo todo o ponto de partida (subjectividade), e epistemologicamente, teorizando o conhecimento do que temos sobre a génese humana, reflectindo, e apenas isto, sobre a natureza e validade do mesmo. •



Planeta Et3r Ano Zero Utopia Final

Naive

Dos escombros de uma galáxia espiritual, situada muito para além do alcance visionário do mais apurado telescópio interior, formou-se em fragmentos o planeta Et3r, cuja forma imaterial, puramente instintiva, se movimenta em órbitas incandescentes de nada que seja palpável, e tudo que seja passível de sentir...



À vista desarmada são apenas cores que se mesclam em espirais por entre o Negro, que sem o Negro, suprema transmutação pitoresca da tela divina, como pano de fundo e filtro da incandescência, o Et3r não se distingue! Só cerrando as pálpebras se vê o Et3r interiormente, porque todo ele é sentimento, chama, instinto, espírito de luz a dançar no contraste da noite...

Et3r é o sol emancipado da alma que o corpo desponta de si, e se desmaterializa pelas sensações que o absorvem, pela mais pura intuição que o assimila, e por ele se deixa encandear. Mas o Et3r não é um feitiço. O Et3r não é uma hipnose. O Et3r é o estado puro da inconsciência que se transcende a si mesma...

O Et3r não faz prisioneiros. As prisões são para os escravos, e deles o Et3r não se compadece. O Et3r quebra as cruzes da moral e os pactos de sangue e tinta, reinventando somente momentos e sensações, que as ideologias são mais efêmeras que os seus criadores, e só servem para entreter as mentes desocupadas...

O Et3r não lambe as feridas da decadência, inflama-as à sua passagem! O Et3r não tem ideologia, não tem religião, não tem filosofia! O Et3r são as marcas da liberdade que não se cansa de sofrer, que brinca com a Dor, porque foi ela que nos deu vida, e só através da Dor a sentimos na plenitude, e nos regeneramos para o próximo estágio da

nossa existência...

O planeta Et3r acabou de nascer, como uma seta que parte de um arco virtuoso, rasgando os céus que impõem limites à vista, atravessando a fundo o peito do Olimpo, e desbravando novas realidades para além deste, que já cheira a mofo e precisa de ser arejado...

O desconhecido é o estímulo divino do Et3r, que ainda não deu a luz à consciência, e pelo inconsciente se quebra Inflamável! O Et3r é uma criança que quebra as correntes do seu baloiço, de tanto impulso para o céu e sede da vertigem e de infinito! Pelo Et3r escorregam as sensações do abismo, cujas raízes vão sempre mais fundo, a beber a todos os lençóis de água desencantados das fontes utópicas da eterna juventude...

Do abismo se impulsiona o Et3r, elástico incisivo de vivacidade, empurrando o céu com o seu embate, alargando o horizonte, transcendendo o azul do dia, o cinzento da tarde e o Negro da noite, musas paisagísticas da inspiração vital...

Jubiloso e impiedoso salteador, o Et3r, que do seu sentido ascendente vislumbra de cima todo o espaço sideral, ganhando o balanço para, em ciclos vertiginosos, ensaiar novos mergulhos adentro do precipício, e abrir novas e deslumbrantes crateras com a Força de Hércules, o Repentismo de Aquiles, e a Chama de Prometeu! A voz do Et3r é Fogo, a sua música incendiária, o espí-

rito combustão, e tudo o resto será cinza... pó que o vento da sua destruição soprará para o desvanecimento...

O Et3r manifesta-se desde o mais pequeno grão de areia até à mais ínfima partícula de Ar. Embebido nas marés do espírito, o Et3r, lava, instintivamente, a cegueira da inocuidade, e purifica a íris da sensação!

Em cadeia se move o Et3r, com o fluxo de um Touro enraivecido, a perspicácia de um Leão, e o Instinto da Serpente, que abre moradas subterrâneas e paralisa de medo encantatório o olhar petrificado sobre o seu movimento à superfície. Corpo esquivo e enleante, arrastado e elevado, com o veneno salivar a dançar na ponta da língua... antídoto emancipado do sangue reptiliano.

Como a Águia, o Et3r abre as suas asas para apalpar a liberdade, e cobrir com a sombra do seu corpo em movimento os que, estáticos, contemplam o sol encandeante! Mas o Et3r não vem de rapina a debicar em corpos imóveis, a saborear a sua carne mártir, perante os necrófagos que esperam a putrefacção! O Et3r não come mortos. Os mortos sabem mal, sabem a lividez, a letargia, a inacção, a decadência! Só por suicídio os degustaria.

Não. O Et3r quer o sangue a ferver nas veias, pulsações metabólicas, espasmos irados, garras de sobrevivência, um possessivo sentido predador, e as presas sensitivas da Dor e do Pra-





zer, gemendo até aos altares do Éden devastado pela ilusão florescente, devoradas que estão as mais suculentas e sumarentas maçãs da árvore proibida, enquanto Lucífer o acolhe no seu harém de almas flamejantes, estrelas do firmamento matinal!

A espada do Et3r é feita de nervos, de músculos, de agilidade. Alimenta-se do Sangue Efervescente, que espirota notas, palavras e imagens da sua Et3rna viagem física e ancestral pela imanência e transcendência do Ser! Testemunho em chamas da Vida e do Sangue que nos irriga a mente, o corpo e o espírito!

A teia do Et3r está lançada, e não será armadilha para as moscas, mas sim chamamento para outras aranhas

sensitivas e criativas, que empreendam a mais pura viagem ao âmago do Ser, e ajudem a tecer os contornos de uma nova mentalidade, criatividade e espiritualidade. A escuridão é o pano de fundo, onde essa teia brilhará sanguínea, assim que os olhos se fechem, e a mente e o instinto se abram para o Et3r, e sejam centelhas de expressividade em cadeia de um estado de espírito elevado!

O Et3r desprezará todo e qualquer messias religioso e ditoso moralista que procure envenenar-lhe o espírito! Porque o Et3r, supremo corpo Imortal que circula entre a carne, através da carne e para além da carne, ostentará exuberante a sua Luz, a sua Alma Matter perante todos os cegos e mendigos da decadência, que no vale dos leprosos atentarem à sua Natureza, à sua Força, à sua Vitalidade!

Após milénios de fragmentação, o Et3r, emerge do fundo da Terra e dos portões do Além com a Caveira (já que nunca lhe conhecemos a face) do prometido salvador pendurada pelos cabelos, ressuscitada pela sua mão, que enforcará todas as esperanças vãs da humanidade!

O Et3r irrompe pelo Nevoeiro, ao lado de Dom Sebastião, incarnado nos seus músculos e no aço da sua espada! Surge através da tempestade Pessoana, de mãos dadas com o Mestre da Decadência, encorpado nos seus dedos e diluído na tinta sanguínea da sua pena!

Emancipa-se das trevas, contemplando o feitiço da lua, cujo trilho luminoso musica os sentidos e incandesce pela pauta da nossa obscuridade sensitiva!

Hoje faz-se história! A partir do Orgulho de um passado e da confiança no amanhã, nasce o Presente... sementeira da Verdade e da imponente existencial, que irá beber a ventos e tempestades a sua ramificação... trepadeira da Divindade que desponta das profundezas de cada ser nativo, e aflora a face de Zeus rumo ao Infinito, à Et3rnidade de cada genuína individualidade...

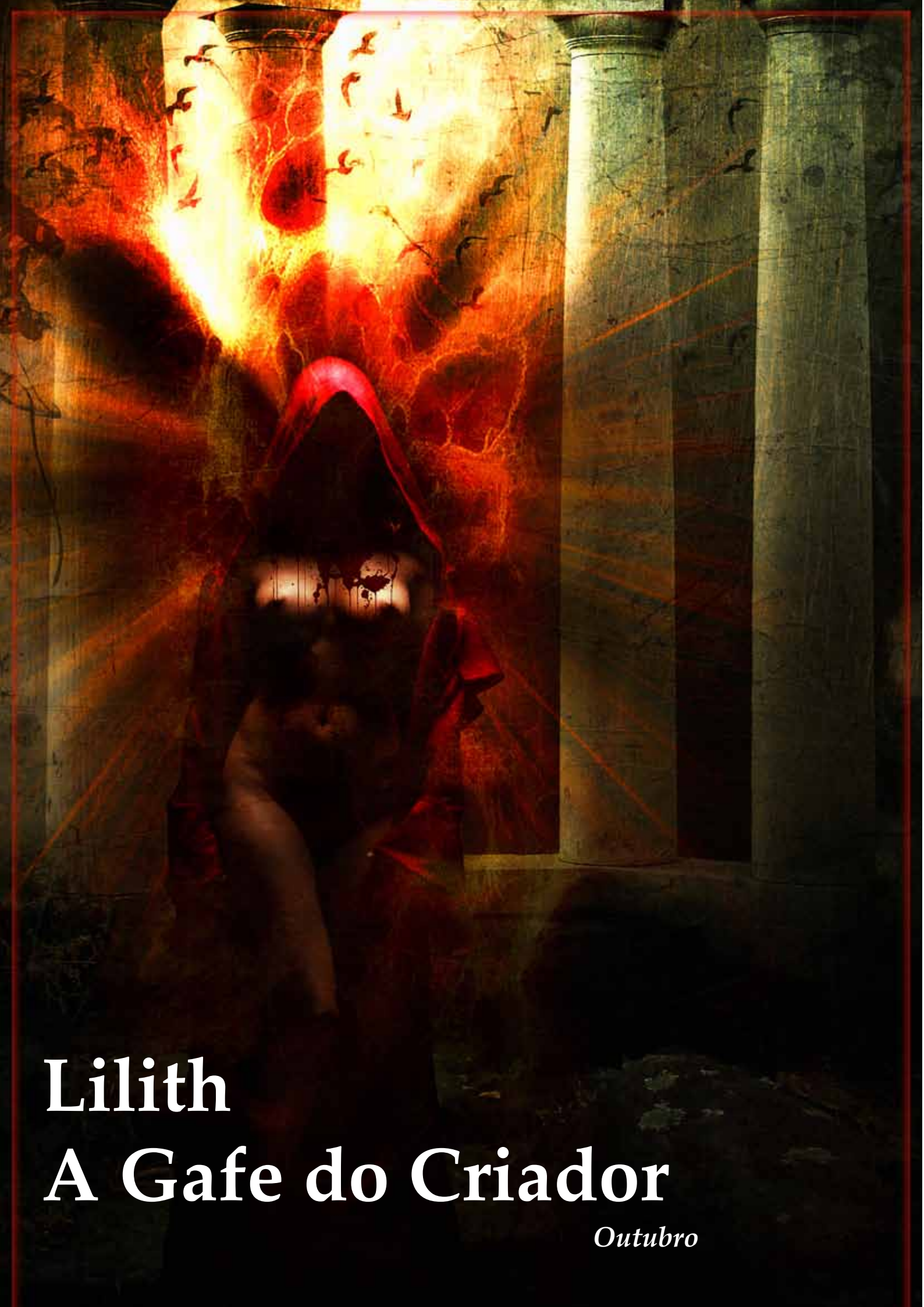
Nada nem ninguém pode deter o Et3r, que está na origem e concepção de tudo o que se conhece por vida, e viverá muito para além dos ciclos perenes, que se iniciam e quebram à passagem dos mortais, sendo a Morte um brinquedo regenerativo, manipulado pelo espírito de uma Criança que lança o seu papagaio de papel ao vento, e o deixa tomar o destino das brisas que o atravessam...

Assim nos atravessa também o vento Sagrado da alma... mas nós, papagaios de papel lançados ao vento, estamos presos pelo cordão umbilical à Terra, porque descendemos pela raiz da Mãe Sequóia, parteira da nossa Et3rna natividade, visionária imponente de eras e povos, Imperatriz da Natureza, Deusa da Verdura e do Amadurecimento, Musa das Alturas, que ascende a partir das profundezas da terra acima das montanhas, e nós somos as suas folhas largadas ao Vento, marionetes das estações do mundo, que catalisam a nossa energia vital, a nossa seiva maternal, o Sangue do Et3r!

P.S: Bem, e este foi o resultado do mais perto que eu tive de um encontro de terceiro grau, olhando pelo retrovisor da inconsciência, e vislumbrando ainda ao longe, e de forma desfocada, o alienígena que deixei algures para trás, parado na encruzilhada, estático no devaneio e na utopia pura e dura, com todos os floreios associados.

Todos acabamos por ter encontros destes durante a vida. Todos passamos pela nossa fase alienígena, ou pelo menos a grande parte de nós. E o que há a retirar desse rapto psico-emocional, hipnótico, neurótico, paranóico, possessivo... de que somos alvo? As sensações! As sensações!! As sensações!!! No meu entender é o mais perto que alguma vez estaremos de provar a existência de alguma forma de vida extra-terrestre... •

“O planeta Et3r acabou de nascer, como uma seta que parte de um arco virtuoso, rasgando os céus que impõem limites à vista”



Lilith

A Gafe do Criador

Outubro



Primeiro Acto – A Concepção

– Falta aqui qualquer coisa...
– Está lindo, Senhor – dizem Senoy, Sansenoy, e Semangelof, em uníssono, já cansados de tanto escrevinhar nos registos.

– Silêncio, se eu digo que falta é porque falta. *Check-list*, por favor.

– Outra vez? – diz Sansenoy. – Olhando de relance para S1 e S2.

– As vezes que for preciso – disse deus, insistentemente. – Dizei então.

– Amibas, fungos, algas, baleias, goivos, gladiolos, rosas, couves, tomates, libelinhas, carvalhos, veados, ursos, bisontes, leões, tigres, abelhas (para polinização), abutres (para reciclagem), rochas, rios, rochedos, precipícios, oceanos, desertos (para decoração)... o vosso mundo está tão variado que se torna difícil, geri-lo.

– Exatamente. Preciso de procuração. É isso mesmo, acabo de perceber que preciso de procuração na terra.

– E nós?

– Vós sois a procuração no céu, mas preciso de procuração na terra.

– O que desejais afinal?

– Dois deuses inteligentes. Um macho e uma fêmea.

– Para quê? Para termos de reforçar as unidades de conflitos domésticos?

– Silêncio. Não haverá conflito, pois criarei o homem e a mulher perfeita. O par ideal, dois seres inteligentes simplesmente harmónicos.

– Pois sim, inteligência harmónica. Acaso sabereis no que vos estais a meter, Senhor?

– Não. Mas tenho de experimentar, o meu mundo jamais seria perfeito sem um reflexo de mim.

– Que assim seja então, de que materiais precisais?

– Terra e água, imbecis.

Depois de rabiscarem os tópicos no registo, os três S, partiram de carrinho de mão e ânforas, apressando-se a reunir os ingredientes necessários.

Duas horas depois:

– Aqui tendes, terra e água para construir dois malamutes à vossa imagem e semelhança.

Nas horas que se seguiram Deus talhou o homem e a mulher em detalhe, contemplando embevecido, os seus belos corpos inanimados.

– Que lindos...

– Precisais de os animar, Senhor.

– Hesito. Estarei a cometer um erro?

– Tarde demais, Senhor, tais criações merecem ser impregnadas de vida. Não há volta a dar.

– Tendes razão. Vou começar por

ele.

Apontando o indicador à testa do homem, Deus pronuncia-o vivo.

– Ah-ai... onde estou eu, diz o homem, limpando a areia dos olhos, quem sois vós?

– Sou o vosso Criador.

– Vosso? Há aqui mais algu... Caramba. Que criatura curvilínea é aquela, que me faz tremer as entranhas mesmo inerte? Senhor, daí-me urgentemente uma parra, pois há partes de mim que parecem estar a ganhar vida própria.

Os três S sorriem entre si e S1 regista no livro, potência viril grau 10.

– Calma, Adão, brindo-vos com a temperança, a fé e a paciência. Nada temeis. Ela viverá. – Dito isto, aponta o indicador à testa da mulher e pronuncia-a viva.

– Hum... Onde estou? Que calor maravilhoso este que me banha o corpo e me traz viva para a luz luxuriante deste magnífico jardim? – Diz ela, rebolando-se, lascivamente sobre os

“Vós sois a procuração no céu, mas preciso de procuração na terra”

flancos, encarando Adão. – Quem sois vós? Que dor vos abala o baixo-ventre? Porque estais tão curvado? Porque me escondeis vosso corpo?

– Um momento – diz ele –, eu volto já. – E corre para os arbustos.

Os Três S olham uns para os outros de sobrolho franzido.

– Isto vai dar bronca.

– Calma meus leais servos, calma. Presenciais a glória da vida: Dois entes divinos e inteligentes, plenos de amor...

– Amor? Já ouvi chamarem-lhe muita coisa. Senhor, não estareis a li-





***“Amor? Já ouvi
chamarem-lhe muita
coisa. Senhor, não es-
tareis a libertar for-
ças que nem mesmo
vós controlais?”***

bertar forças que nem mesmo vós controlais?

– A glória e a harmonia reina na mente destes dois seres, por certo ainda estonteados do ato da Criação.

– E porque nome dou, Senhor?

– Sois Lilith, a deusa das deusas, senhora do Paraíso.

– Lilith. – Soa-me bem, diz ela, acariciando os seus longos cabelos ruivos.

Os três S ansiosos pelo merecido descanso depois de seis dias de gestão logística e ininterrupta criação, fecham os livros, arrumam as penas, sorrindo a Deus com ar de fim de turno.

– Podemos pegar nas carroças e fazer o arquivo? – pergunta S1.

– Ide-vos sim, a nossa missão está cumprida. Comunicai a todos a boa nova.

– Sim, Senhor.

Segundo Acto – O Divórcio

No pico de um sonho molhado, Adão abraça o ninho de folhas onde pernoitava com sua esposa Lilith.

– Liiiiiithhhh, que raio de mania a vossa, de vos levantardes antes dos galos. Onde estais?

– A cultivar umas plantinhas, senhor, para vos acalmar essa ânsia incansável e algo entediante de mim.

– Mas porque não estais comigo?

– Porque assim o entendi. Quero-vos mais brando, mais temperado, menos irritado. Mais contido.

– Contido? Contido? Pareceis um cavalo selvagem e não uma mulher, o vosso lugar é deitada sobre as folhas.

– Quem disse?

– Digo eu. Eu gosto de vos possuir deitada no chão.

– Pois eu gosto de vos cavalgar.

– A mulher não cavalga.

– Quem disse?

– Digo eu.

– Pois tereis de vos compenetrar de que esta mulher cavalga e bem.

– Liiiiiithhhh!

– Vedes? Isso é orgulho besta. Esperai dois minutos e preparar-vos-ei uma poção, que vos fará mudar de ideias.

– Não quero experimentações. Liiiiiithhhh ... Morro.





– Far-vos-á bem. Será que o Senhor se enganou ao dizer que vos concedeu a temperança?

– Não há temperança que aguento. Morro.

– Paciência, senhor Adão, são pequenas mortes necessárias.

Depois de uma espera que parecia ter durado séculos, Lilith regressa finalmente ao seu leito conjugal onde Adão jazia trémulo e absolutamente enlouquecido de excitação. Lilith inclina-se ternamente sobre ele com uma taça de uma poção fumegante, que lhe dá a beber e que lhe põe definitivamente fim a ereção e à consciência fazendo-o mergulhar num sono profundo o tempo necessário para arrumar os trapinhos e rabiscar uma nota:

“Vou para o resort do Mar Vermelho. O meu amigo Asmodai, reservou-me uma suite. Há por aí muito arbusto, homem. Pede ao teu Deus que te arranje uma jarra. És um chato do caraças. Shamhamforash”.

Lilith

Terceiro Acto – Noites de Luxúria no Mar Vermelho

– Asmodeus, estou na recepção.

Ao receber o telefonema, deitado na sua cama de lençóis de seda, na companhia de duas ninfas, Asmodeus, expulsa-as sumariamente com um olhar penetrante e um aceno de desvelo.

– Retirai-vos. – disse ele, respondendo calmamente ao telefone – Suite 3116. Sobe querida.

Lilith voou até à suite 3116, entrando suavemente pela janela e aterrando em cima de Asmodeus, que a esperava virtualmente relaxado, com os lençóis de seda fotogenicamente enrugados sobre o corpo nu e musculoso, sempre disposto a explorar todo e qualquer capricho sexual das suas amantes e, portanto, também os de Lilith, cuja insatisfação há meses os levava a manter conversas telepáticas capazes de incendiar um eunuco de frustração.

De facto, durante as semanas que se seguiram, o hotel sofreu estranhas perturbações energéticas que originaram a morte de diversos hóspedes e o isolamento da área para uma investigação que jamais veio a concretizar-se, por óbito de qualquer investigador angelical que se aproximasse da suite 3116.

Diversas testemunhas, atestaram que a suite passou a ser muito fre-



quentada e que dela se viam esporadicamente voar pequenos demónios aparentemente recém-nascidos, mas perfeitamente funcionais (sobre cuja gestação galopante ninguém se atrevia a inquirir) mas que todos atribuíram ser fruto do extraordinário poder energético resultante da união de Lilith com Asmodeus... & Friends.

Numa cerimónia inaudita, Asmodeus concedeu a Lilith o poder da serpente o que lhe permitiria mais tarde concretizar um certo plano de vingança, sobre o qual me debruçarei a seu tempo...

“...a suite passou a ser muito frequentada e que dela se viam esporadicamente voar pequenos demónios aparentemente recém-nascidos...”

Quarto Acto: A visita dos Três S.

•



Uma amostra do que temos feito em

5 ANOS

HellOutro
Enterprises
2006-2011